

# I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

LIVRO DE RESUMOS

2-3 de Novembro, 2023

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

## Ficha Técnica

### Comissão Científica:

#### **Constantino Pereira Martins**

CECH / IEF - University of Coimbra

<https://www.researchgate.net/profile/Constantino-Pereira-Martins>

constantinomar@gmail.com

#### **Luísa Ávila da Costa**

Universidade do Porto – FADEUP

<https://www.researchgate.net/profile/Luisa-Avila-Da-Costa>

mail: mlcosta@fade.up.pt

### Comissão Organizadora:

Constantino Pereira Martins

Luísa Ávila da Costa

João Emanuel Diogo

### Instituição de Acolhimento:

Universidade de Coimbra, FLUC -

<https://www.uc.pt/fluc>

CECH – <https://www.uc.pt/cech/>

IEF - <https://www.uc.pt/fluc/uidief/>

### Apoios:



<http://www.afdlp.org/>

info@afdlp.org

Estamos todos convocados a pensar o fenómeno desportivo

Nota: sendo o Congresso híbrido, algumas das sessões serão apresentadas via zoom. Essas sessões incluem o símbolo 

As restantes serão apresentações presenciais, ainda que sejam também transmitidas via zoom.

Para aceder às conferências deverá ingressar na sala simultânea do zoom via link abaixo e ingressar na sessão paralela que desejar (seguir número indicado no programa).

Link do Zoom:

[02/11/2023](#)

ID da reunião: 940 4016 7087

Senha: 475579

[03/11/2023](#)

ID da reunião: 998 3765 2134

Senha: 262877



# 02

# nov

# I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

## PROGRAMA

08:30 RECEPÇÃO

08:45 BOAS-VINDAS

09:00

**MOTRICIDADE HUMANA: DA CIÊNCIA À FILOSOFIA**  
**MANUEL SÉRGIO**

(PROFESSOR JUBILADO FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA)



10:00 PAUSA

10:15 SESSÕES PARALELAS

### ANFITEATRO III

Moderação:  
Luísa Ávila da Costa

1

### SALA CECH

Moderação:  
Jorge Araújo

2

### SALA DFCI

Moderação:  
Teresa Lacerda

3

A relevância de publicar Manuel Sérgio, um humanista total: O projeto de Obra Seleta de um pensador do desporto, da corporeidade e da cultura - **José Eduardo Franco, Universidade Aberta e Diogo Loureiro, Universidade de Coimbra**

A Body Art brasileira: e reflexões sobre o corpo para a educação física - **Bruno Erick de Melo Fernandes, Mércia Lima de Melo e Rosie Marie Nascimento de Medeiros, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

zoom

A competição na educação física e desporto. Da natureza à dimensão educativa e cultural - **António Camilo Cunha, Universidade do Minho**

Filosofia do desporto e direitos humanos a partir da Obra de Manuel Sérgio - **Susana Alves-Jesus (Universidade Aberta), Rui Rego (Universidade de Lisboa), André Carmo (Universidade de Évora)**

O corpo íntimo: uma relação entre ser e ambiente - **Eric Sioji Ito, Soraia Chung Saura e Ana Zimmerman, Universidade de São Paulo**

zoom

Elogio à Dimensão Ética como Catalisador da Inclusão em Educação Física - **Tadeu Celestino e Antonino Pereira, Instituto Politécnico de Viseu**

zoom

Entre Atenas e Jerusalém: corpo e transcendência na filosofia de Manuel Sérgio - **Rui Maia Rego, Centro de Filosofia da Univ. de Lisboa**

O conceito de esporte e as habilidades físicas específicas do bodybuilding - **Paulo Augusto Boccati, UNICAMP**

zoom

Educação física escolar e a presença do corpo sensível e criativo na escola - **Beatriz Lima Lacerda dos Santos, Soraia Chung Saura, Ana Cristina Zimmermann, Universidade de São Paulo**

zoom



11:45 PAUSA

# 02

# nov

## I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

### PROGRAMA

12:00 SESSÕES PARALELAS

ANFITEATRO III	4	SALA CECH	5	SALA DFCI	6
Moderação: Constantino Pereira Martins		Moderação: Odilon José Roble		Moderação: Paulo Boccati	
De quantos animais se faz um ornitorrinco? A propósito de formalismo, convencionalismo e identidade do desporto - <b>Francisco Sobral, Professor Jubilado FMH</b>		Para uma neurofilosofia do ténis de mesa - <b>Paulo Alexandre e Castro, IEF-Universidade de Coimbra</b>		Ginástica para Todos como Esporte: um posicionamento filosófico - <b>Tamiris Lima Patrício, Kaio César Celli Mota e Michele Viviane Carbinatto, Universidade de São Paulo</b>	
O Ciclismo é um Humanismo. Notas sobre o estatuto epistemológico das Ciências do Desporto - <b>Luís Umbelino, Universidade de Coimbra</b>		O Beisebol Acelerado como Suporte à Filosofia do Tempo de Byung-Chul Han - <b>Renan Felipe Correia e Odilon José Roble, UNICAMP</b>		Aprendizagens em educação física: percepções dos alunos em duas escolas do ensino primário de Angola - <b>Bráulio Lopes e Paulo Nobre</b>	
Desporto e Filosofia - <b>Jorge Araújo, Team Works</b>		Entre Aventura e Delicadeza: velejar como uma experiência potente para mulheres - <b>Maria Altímira Hackerott, Ana Cristina Zimmerman e Soraia Chung Saura, Universidade de São Paulo</b>		A Filosofia de Henry Bergson e o diálogo com a educação física escolar - <b>Ana Gabriela Alves Medeiros e Marlon Messias Santana Cruz, Universidade do Estado da Bahia</b>	

13:30 ALMOÇO

14:30 SESSÕES PARALELAS

ANFITEATRO III	7	SALA CECH	8	SALA DFCI	9
Moderação: Susana Alves		Moderação: José Lima		Moderação: Ana Zimmerman	
O uso dos jogos como instrumentos de formação dos cidadãos nas leis de Platão - <b>Diane Fátima Bonet e Juliano Paccos Caram, Universidade Federal da Fronteira Sul</b>		Desporto na Era do Melhoramento Humano: Problemas Filosóficos e Implicações Sociais - <b>Rui Vieira da Cunha, Business School Universidade Católica do Porto</b>		Contributos para uma filosofia do comentário desportivo - <b>Luís Cristóvão, Jornalista Desportivo</b>	
A dualidade interpretativa do conceito de esporte: limitações e possibilidades - <b>Narayana Astra van Amstel e Carlos Alberto Bueno dos Reis Júnior, Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Estadual de Londrina</b>		Ética Kantiana no Fisiculturismo: Análise Crítica do Uso de Substâncias e seus Impactos na Comunidade Esportiva - <b>Bruno Daniel Alves de Souza, Pontifícia Universidade Católica de Campinas</b>		Jornalismo Desportivo - <b>Magali Lameira, FEF-UNICAMP</b>	

# 02

# nov

## I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

### PROGRAMA

Aportes fenomenológicos no esporte: reflexões de um grupo de estudos e pesquisa no Brasil - **Michele Viviene Carbinatto, Universidade de São Paulo**

A ética do uso de placebos na medicina esportiva: um panorama geral - **Marcus Campos, Mike McNamee e Pascal Borry, KU Leuven**

Greatest of all time (GOAT): Considerações sobre a falação esportiva na sociedade do espetáculo e do consumo - **Roger Luiz Brinkmann, Universidade de São Paulo**



16:00 PAUSA

16:15 SESSÕES PARALELAS

#### ANFITEATRO III

#### 10

Moderação:  
Constantino Pereira Martins

#### SALA CECH

#### 11

Moderação:  
Odilon José Roble

#### SALA DFCI

#### 12

Moderação:  
Soraia Chung Saura

Violência nos Esportes: Como um Filosofia da Violência pode nos ajudar a entendê-la e a avaliá-la melhor? - **Alexandre Meyer Luz, Universidade Federal de Santa Catarina**

Além da linha de chegada: desvendando a identidade e representação no esporte por meio de Foucault e Bourdieu - **Laercio de Jesus Café e Regina Maria Rovigati Simões, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)**

O olimpismo de Pierre de Coubertin enquanto uma educação do carácter - **Artur Magoga Cardozo, Grupo de Pesquisa em Educação e Violência (Pontifícia Universidade Rio Grande do Sul, PUCRS)**

O ideal de virilidade atlética na Atenas clássica - **Fábio de Souza Lessa, Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Holomotricidade: proposta epistemológica baseada no pensamento participativo e na consciência da inteireza universal de David J. Bohm - **Maurício Teodoro de Souza e Luíz Sanches Neto, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGEF-UFRN**

A conceção dos jovens atletas acerca dos valores do olimpismo - **Ana Gabriela Medeiros, Universidade do Estado da Bahia**

O esporte como via para a sublimação de impulsos - **Víctor Gabriel Lucas, UNICAMP**

Entre possibilidades e alternativas: a "filosofia" do yoga aplicado na escola - **Rúbia Cristina Duarte Garcia Dias e Myrian Nunomura, Universidade de São Paulo**

O movimento olímpico e o imperialismo europeu: África em disputa (1894-1940) - **Carlos Eugênio da Silva Negreiros, UFRGS e PUCRS**



17:45 PAUSA

18:00 ASSEMBLEIA GERAL AFDLP

# 03

## nov

# I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

## PROGRAMA

09:00

**BREAKING GROUND:  
CHALLENGES AND TRIUMPHS IN DEVELOPING THE PHILOSOPHY OF SPORT**  
**ROBERT SCOTT KRETCHMAR**  
 (PROFESSOR COLLEGE OF HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT DA PENN STATE UNIVERSITY)



10:00 PAUSA

10:15 SESSÕES PARALELAS

ANFITEATRO III	13	SALA CECH	14	SALA DFCI	15
Moderação: Constantino Pereira Martins		Moderação: Teresa Lacerda		Moderação: Odilon José Roble	
On the Future of the Philosophy of Sport in Europe - <b>Matija Mato Škerbić, Universidade de Zagreb, Presidente da EAPS</b>		Ser-Atleta: Mundo Vivido no Esporte - <b>Enoly Cristine Frazão da Silva e Michele Viviene Carbinatto, Universidade de São Paulo</b>		A atividade física e desportiva e a natureza. Retornar à metáfora primeira - <b>António Camilo Cunha e Zenaide Galvão, Universidade do Minho</b>	
Orígenes y situación actual de la Filosofía del deporte en España - <b>José Luís Pérez Triviño, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona; Presidente ALFID</b>		Passado, Presente e Futuro: contributos do modelo de homeostasia coletiva para a compreensão dos comportamentos adaptativos de equipas desportivas nos três domínios do tempo que regem o jogo - <b>Ricardo Santos, João Ribeiro, Júlio Garganta, CIFID, FADEUP</b>		A noção de mundo como risco na prática da escalada - <b>Bruna Gonçalves Soares e Thabata Castelo Branco Telles, IPMaia</b>	
Razão e Movimento: A Evolução da Filosofia do Desporto em Portugal - <b>Luísa Ávila da Costa, CIFID FADEUP-UP e Constantino Pereira Martins, IEF/CECH Universidade de Coimbra</b>		O movimento invisível humano - <b>Valécio Senna, Faculdade CENSUPEG, Joinville, Santa Catarina</b>		O esporte como ritual de festa e lazer na várzea Amazônica: um olhar fenomenológico - <b>Sylvia Souza Forsberg, Grupo Quiasma - Psicologia e Movimento Humano e Thabata Telles, IPMaia</b>	



11:45 PAUSA

# 03

# nov

## I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

### PROGRAMA

12:00 SESSÕES PARALELAS

#### ANFITEATRO III

#### 16

Moderação:  
Luísa Ávila da Costa

Entre o Jogo e o jogar: a filosofia de Bernard Suits e suas contribuições para a literatura em língua portuguesa - **Marcus Campos, KU Leuven e Odilon José Roble, UNICAMP**

Complexidade, Desporto e Futebol - **André Moutinho Coelho, Dream Football**

O lúdico como elemento do esporte - **Judson Cavalcante Bezerra e Petrúcia Nóbrega, UFRN**

#### SALA CECH

#### 17

Moderação:  
Soraia Chung Saura

Propostas de reflexão sobre algumas questões éticas na lógica de Mercado aplicada ao Desporto - **Rui Mateus Pereira, Universidade Lusófona do Porto**

As contra cruzadas vistas pelo futebol: o comércio esportivo árabe no restante do planeta - **Quefren Arsênio Rodrigues, Investigador independente**

O racismo no futebol brasileiro: através do olhar de um negro - **Anny Vitória Zimmermann, Juliana dos Santos e Nathalia Gomes Sens, Fundação Universitária Regional de Blumenau**

O futebol pós-profissional - **Vinicius Falcão Oliveira Carneiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

#### SALA DFCI

#### 18

Moderação:  
Constantino Pereira Martins

O contributo fenomenológico na análise micro-histórica do surf português - **João Moraes Rocha, Primeiro autor da história do surf em Portugal**

13:30 ALMOÇO

14:30 SESSÕES PARALELAS

#### ANFITEATRO III

#### 19

Moderação:  
Constantino Pereira Martins

O que pode o kata? Investigação de possibilidades no karate - **Fabio Augusto Pucineli e Carlos José Martins, Unesp Rio Claro**

Karate e "Filosofia": entre rituais e tradições - **Marcelo Alberto de Oliveira, Soraia Chung Saura, Ana Cristina Zimmerman, Universidade de São Paulo**

#### SALA CECH

#### 20

Moderação:  
Luísa Ávila da Costa

Praticando esportes por motivos estéticos - **Jean Machado Senhorinho, Universidade Federal de Santa Catarina**

"É que vale a pena, vale o risco": um ensaio sobre liberdade e vulnerabilidade no corpo em movimento - **Thabata Castelo Branco Telles, IPMaia**

#### SALA DFCI

#### 21

Moderação:  
Ana Zimmerman

Os usos do conceito de espírito esportivo no Brasil: primeiros passos para a filosofia do esporte - **Allan Victor Zampola Antonio, Grupo de Pesquisa em Filosofia e Estética do Movimento (GPFEM), UNICAMP**

A Ética Aplicada ao Desporto - A importância da Bandeira da Ética - **José Carlos Novais Lima, Coordenador Plano Nacional Ética do Desporto em Portugal**

# 03

nov

## I CONGRESSO FILOSOFIA DO DESPORTO

### PROGRAMA



Da conjunção de categorias estéticas na compreensão do valor estético do desporto: acerca de imprevisibilidade e superação - **Teresa Oliveira Lacerda, CIFID, FADEUP-UP**

É o cartão branco uma ferramenta de educação moral? - **Rafael Mendoza, Università degli Studi di Roma "Foro Italico"**



16:00 PAUSA

16:15 SESSÕES PARALELAS



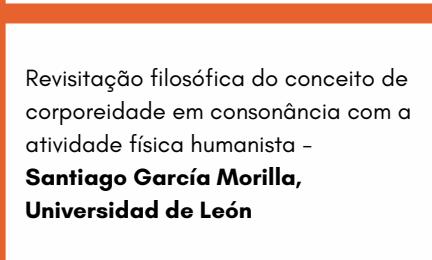
**ANFITEATRO III**  
Moderação:  
Marcus Campos



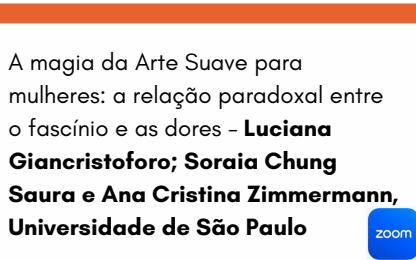
**SALA CECH**  
Moderação:  
Constantino Pereira Martins



**SALA DFCI**  
Moderação:  
Odilon José Roble



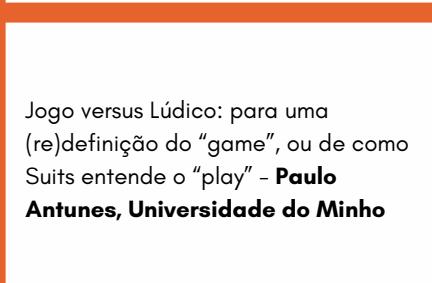
Revisão filosófica do conceito de corporeidade em consonância com a atividade física humanista - **Santiago García Morilla, Universidad de León**



A magia da Arte Suave para mulheres: a relação paradoxal entre o fascínio e as dores - **Luciana Giancristoforo, Soraia Chung Saura e Ana Cristina Zimmermann, Universidade de São Paulo**



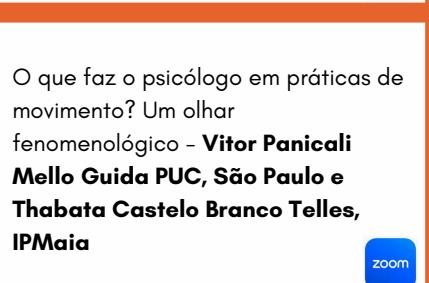
O Real, o Simbólico e o Imaginário no discurso de Cristiano Ronaldo: alguns apontamentos psicanalíticos - **Lucas Contador Dourado da Silva, UNICAMP**



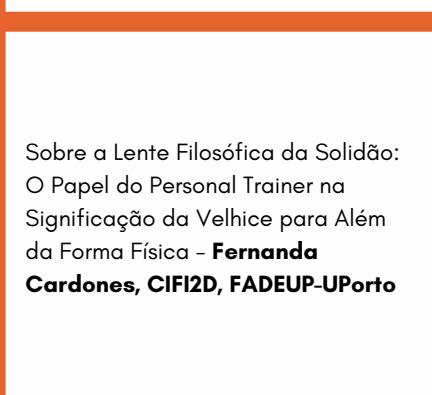
Jogo versus Lúdico: para uma (re)definição do "game", ou de como Suits entende o "play" - **Paulo Antunes, Universidade do Minho**



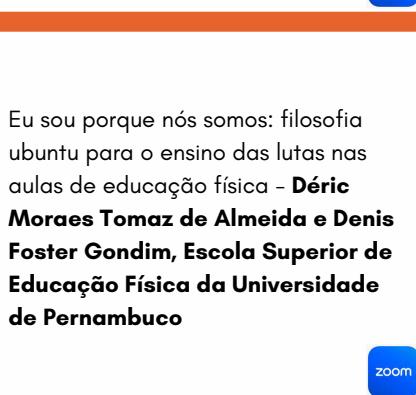
A perspectiva de mestre(a)s sobre experiências disruptivas de praticantes durante práticas de combate - **Maria Gabriela dos Santos e Cristiano Roque Antunes Barreira, Universidade de São Paulo**



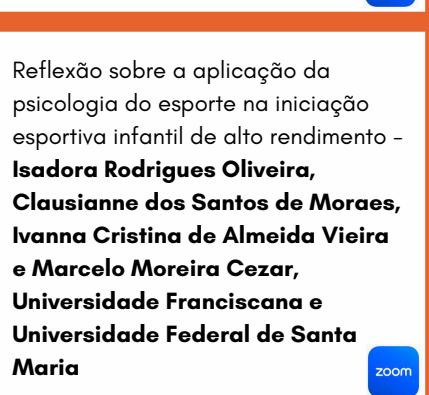
O que faz o psicólogo em práticas de movimento? Um olhar fenomenológico - **Vitor Panicali Mello Guida PUC, São Paulo e Thabata Castelo Branco Telles, IPMaia**



Sobre a Lente Filosófica da Solidão: O Papel do Personal Trainer na Significação da Velhice para Além da Forma Física - **Fernanda Cardones, CIFID, FADEUP-UPorto**



Eu sou porque nós somos: filosofia ubuntu para o ensino das lutas nas aulas de educação física - **Déric Moraes Tomaz de Almeida e Denis Foster Gondim, Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco**



Reflexão sobre a aplicação da psicologia do esporte na iniciação esportiva infantil de alto rendimento - **Isadora Rodrigues Oliveira, Clausianne dos Santos de Moraes, Ivanna Cristina de Almeida Vieira e Marcelo Moreira Cesar, Universidade Franciscana e Universidade Federal de Santa Maria**



17:45 PAUSA

18:00

**A FILOSOFIA DO DESPORTO EM LÍNGUA PORTUGUESA:  
CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS**  
**ANA CRISTINA ZIMMERMAN**

(PROFESSORA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

19:00 ENTREGA DO PRÉMIO MELHOR ENSAIO ESTUDANTE, PRÉMIO MANUEL SÉRGIO  
ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA

## **SESSÕES PLENÁRIAS**

### **ANFITEATRO III**

**02/11 MOTRICIDADE HUMANA:**

**09:00 DA CIÊNCIA À FILOSOFIA**

**MANUEL SÉRGIO**

**(Professor Jubilado Faculdade de Motricidade Humana)**

**03/11 BREAKING GROUND:**

**09:00 CHALLENGES AND TRIUMPHS IN DEVELOPING  
THE PHILOSOPHY OF SPORT**

**ROBERT SCOTT KRETCHMAR**

**(Professor College of Health and Human Development da  
Penn State University)**

**03/11 A FILOSOFIA DO DESPORTO**

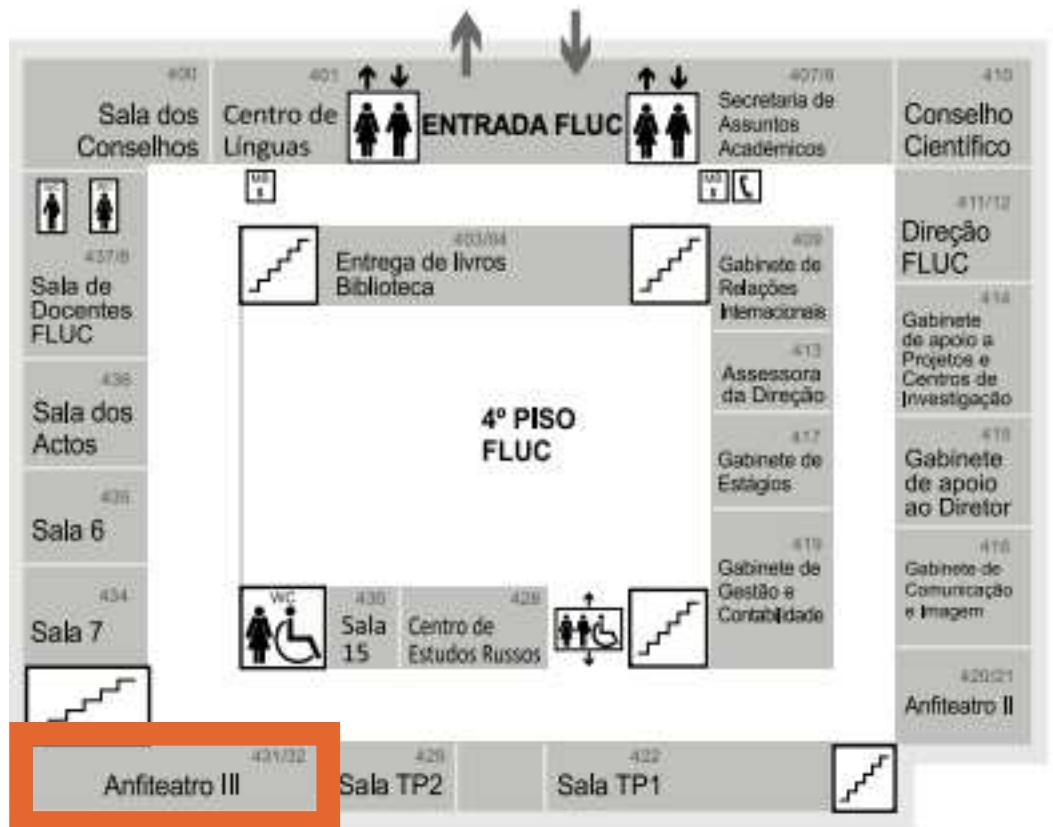
**18:00 EM LÍNGUA PORTUGUESA:  
CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS**

**ANA CRISTINA ZIMMERMAN**

**(Professora na Escola de Educação Física e Esporte da  
Universidade de São Paulo)**



## LOCALIZAÇÃO DAS SALAS



## SALA DFCI E PAUSAS



# RESUMOS



**SESSÃO PARALELA 1**  
**02/11/2023 - 10:15 - ANFITEATRO III**  
**MODERAÇÃO: LUÍSA ÁVILA DA COSTA**

**A relevância de publicar Manuel Sérgio, um humanista total:  
O projeto de Obra Seleta de um pensador do desporto, da  
corporeidade e da cultura**

**José Eduardo Franco, Universidade Aberta  
João Diogo Loureiro, Universidade de Coimbra**

Manuel Sérgio legou ao universo do desporto uma obra notável e reveladora de um pensamento original no plano nacional e internacional com implicações transformadoras para teoria e a prática desportivas e para o modo de olhar a corporeidade. O seu magistério pedagógico, a sua arguta reflexão intelectual e a sua produção literária representam um legado intelectual importante em perspetiva multidisciplinar. Manuel Sérgio e o seu pensamento são, com efeito, um marco na história da cultura desportiva. O Professor Manuel Sérgio, enquanto ideólogo e professor de profissionais do desporto, promoveu um corte epistemológico e mudança de paradigma no plano teórico, metodológico, pedagógico e didático no campo desportivo com especial incidência no mundo do futebol.

A nossa comunicação pretende apresentar a relevância do projeto de Obra Seleta de Manuel Sérgio em fase de edição e os seus principais conteúdos.

## **Filosofia do desporto e direitos humanos a partir da Obra de Manuel Sérgio**

**Susana Alves-Jesus, Universidade Aberta)**

**Rui Rego, Universidade de Lisboa)**

**André Carmo, Universidade de Évora)**

Manuel Sérgio fez operar uma mudança fundamental de paradigma no âmbito da filosofia do desporto em Portugal com a afirmação do conceito de motricidade humana. Em rotura manifesta com a noção de educação física, a Obra sergiana revelou a necessidade de atender ao atleta não apenas numa dimensão de corporeidade, mas em relação fundamental com as suas motivações e emoções.

Ao dar atenção ao atleta, ao humano, como um todo, e não apenas ao estrito sentido da performance desportiva traduzida em resultados (*l'homme machine*), Manuel Sérgio traz para o desporto o sentido de valorização do corpo em estreita relação com o espírito e as emoções, motivando o respeito pelo atleta enquanto ser humano integral.

Na presente comunicação, procuramos relacionar este respeito global pelo atleta veiculado por Manuel Sérgio com a ideia de direitos humanos, também bem presentes na sua filosofia do desporto, procurando de igual modo refletir sobre a necessária relação entre desporto e direitos humanos, na justa medida em que aquele se torna um veículo destes quando mobilizada a sua prática com vista à dignidade integral do atleta – qualquer que seja o seu grau de experiência. A fechar, daremos exemplo de uma experiência de prática desportiva no Tejo, que, ao mesmo tempo que se traduz numa peculiar modalidade desportiva (surf em rio), testemunha a oportunidade de praticar desporto de forma sustentável, dentro da comunidade e ao alcance todos.

## Entre Atenas e Jerusalém: corpo e transcendência na filosofia de Manuel Sérgio

Rui Maia Rego, Centro de Filosofia da Univ. de Lisboa

A volumetria corporal do atleta, não é carnalidade humana ensimesmada, mas primícia de uma transcendência a alcançar. O que une o corpo à transcendência? Propomo-nos responder, refletindo sobre o *movimento* como excelência processual: «O desporto como prática filosófica radica na vontade de o homem se reconciliar consigo mesmo, por meio do movimento e partindo do fenómeno jogo. Dialeticamente e para sempre.» (Sérgio, 1977: 78). Quando George Steiner tentou definir uma ideia de Europa, sublinhou a tentativa constante de síntese da herança de Atenas com o legado de Jerusalém. Talvez possamos ler a filosofia de Manuel Sérgio como uma dessas argutas tentativas ao propor uma «pedagogia do movimento [...] onde corpo e espírito se revelam como dados da mesma raiz matricial da matéria: a realidade última donde tudo provém e onde tudo encontra a sua unidade primeira.» (Sérgio, 1977: 75). Manuel Sérgio envolve o foco de Atenas na ginástica do corpo e a espiritualização de Jerusalém, tudo entretecido na matéria, movendo-se, isto é, como motricidade: movimento intencional e *solidário* da transcendência ou complexidade humana.



**SESSÃO PARALELA 2**  
**02/11/2023 - 10:15 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: JORGE ARAÚJO**

**A Body Art brasileira: e reflexões sobre o corpo para a educação física**

**Bruno Erick de Melo Fernandes**  
**Mércia Lima de Melo**  
**Rosie Marie Nascimento de Medeiros**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

A Body art surgiu a partir da perspectiva dos movimentos artísticos que recusam os limites impostos não só a Arte, mas à vida cotidiana, evidenciando um momento de contestação e reflexão, questionando os valores impostos socialmente à vida, à homogeneização e à padronização do corpo, as relações entre homens e mulheres, ao culto ao corpo, aos limites corporais, à sexualidade, a dor, a relação com objetos, ou seja, uma outra forma de representação do corpo através da Arte (Le Breton, 2003).

A body art surgiu no Brasil durante a década de 70 como uma expressão artística capaz de reconstruir os sentidos fornecidos para o corpo contemporâneo. Considerada a arte do corpo, essa técnica pode ser realizada através de várias formas de expressões que englobam as tatuagens, piercings, escarificações, cicatrizes, stretching, implantes subcutâneos, suspensões; todos esses elementos reunidos em performances, com significados que ultrapassam a finalidade estética, já que o corpo na body art é o local ao qual o mundo é questionado.

Dentro do universo da body art no Brasil, destacamos os artistas Tales Frey, Carla Borba e Letícia Parente no intuito de revelar sentidos sobre o corpo humano em suas performances artísticas e,

a partir disso, objetivamos refletir e produzir conhecimentos sobre o corpo na Educação Física, área de conhecimento que tematiza e vive o corpo em diferentes espaços, inclusive na arte.

Este trabalho foi referenciado metodologicamente na Fenomenologia de Merleau-Ponty, que apresenta o mundo vivido como fonte primordial de conhecimento (NÓBREGA, 2010). A partir da descrição, interpretação e compreensão das obras dos artistas, torna-se possível construir reflexões fenomenológicas que caracterizam-se como um método adequado para a investigação da body art, técnica capaz de amplificar a compreensão fenomenológica realçando a tese do corpo vivo, atado a um certo mundo, configurado por significações existenciais.

Diante da interpretação e compreensão das performances dos artistas, foi possível identificar os sentidos que cada um, a partir da subjetividade, provocou aos espectadores: Tales Frey desperta questões sobre a compreensão do corpo oriunda da pós-modernidade. Já Carla Borba, revela potencialmente críticas aos estereótipos que reduzem o corpo feminino a um simples objeto e aos padrões propagados por vezes pela Educação Física. Letícia Parente evidencia, eminentemente, críticas ao regime ditatorial vivido no Brasil e as consequências desse movimento ao povo brasileiro com destaque a classe artística e também à mulher brasileira.

Entrelaçando as discussões com a Educação Física, surgem discussões referentes ao fenômeno da linguagem corporal, compreendendo o corpo como um potente fenômeno que se comunica com o outro e com o mundo; às concepções de performance que amplificam a noção de corpo aberto ao outro, a cultura e a historicidade; e críticas aos estereótipos e padrões corporais propagados por vezes pela Educação Física. Acreditamos na importância do diálogo da Educação Física com outras áreas do conhecimento que consolidem essas compreensões do corpo como um forte criador de sentidos e significados da existência.

## **O corpo íntimo: uma relação entre ser e ambiente -**

**Eric Sioji Ito**  
**Soraia Chung Saura**  
**Ana Zimmerman**  
**Universidade de São Paulo**

Ao escalar uma montanha, fazer uma trilha, ou simplesmente existir em uma cidade diversas percepções instigam e provocam o nosso imaginário a simbolizar estes ambientes. Tais imaginários são constituintes das identidades do ser e modificam as relações estabelecidas com o mundo. Porém diferentes percepções sobre o mesmo ambiente podem instigar diferentes simbolismos atrelados a este espaço. O corpo é o ponto de ligação entre ser e mundo e a depender das experiências incorporadas neste ser alteramos a relação simbólica. Uma mesma via de escalada pode ser simbolizada como amedrontadora e instigar os imaginários da luta e da batalha ou pode ser percebida como tranquila e acolhedora e instigar as imagens de proteção, por exemplo. O objetivo deste trabalho é desenvolver uma reflexão a respeito da noção de corpo íntimo, que visa complexificar as variantes existentes neste processo de simbolização dos ambientes a partir de um cruzamento de perspectivas teóricas. De um lado, dialogamos com Gaston Bachelard (1978, 2001, 2013a, 2013b, 2018, 2019) e Gilbert Durand (1998, 1995, 2012), expoentes pesquisadores da linha do imaginário, porém que mantém suas análises nos materiais verbo-icônicos da humanaidade e pouco estruturam a relação do corpo com o imaginário. De outro lado, Merleau-Ponty (2011, 2017), com suas noções de corpo-próprio, fé perceptiva e textura imaginária do real permitem expandir e aprimorar as noções desenvolvidas pelos outros autores. Utilizaremos como ponto de apoio para discussões os dados obtidos das entrevistas de pesquisa de campo realizada em 2019 nas montanhas da Patagônia Chilena e Argentina. Com isso pre-

tendemos estabelecer as conexões iniciais desta rica problemática teórica e que parte do ponto que a intimidade com os ambientes, ou seja o quanto nós in-corporamos o espaço torna-se um fator de importância da constituição do imaginário dos seres. É sobre estas variações que a noção de corpo íntimo tenta problematizar e que discorreremos neste trabalho.

## **O conceito de esporte e as habilidades físicas específicas do bodybuilding -**

**Paulo Augusto Boccati, UNICAMP**

O bodybuilding é uma prática que começou com poucos adeptos, e a partir da década de 1970 foi crescendo em popularidade. Hoje, o bodybuilding é mundialmente conhecido, sendo divulgado em canais na internet, com influenciadores que tratam dessa atividade, como também eventos. Um exemplo é o Arnold Classic, uma competição anual de bodybuilding que acontece em Ohio. Desde 2018 há uma edição desse evento, o Arnold South America, que acontece na cidade de São Paulo, no Brasil. São três dias de evento reunindo milhares de pessoas que prestigiam centenas de competidores nas diversas categorias de bodybuilding masculino e feminino.

Ainda que seja uma prática bastante popular, muitas pessoas, mesmo do meio esportivo, não consideram o bodybuilding um esporte. Para essas pessoas, o bodybuilding estaria mais próximo de um concurso de beleza. Desse modo, o objetivo desse estudo é buscar compreender os elementos que possibilitariam compreender o bodybuilding como um esporte.

Como em qualquer análise filosófica, para saber se uma atividade é esporte, precisa-se, primeiro, compreender qual o conceito de esporte. Para isso, será utilizado o texto “Tricky triad” de Bernard

Suits. Para o autor, esportes são “eventos competitivos envolvendo uma variedade de atividades físicas (geralmente em combinação com outras) habilidades humanas onde o participante superior é considerado exibiu essas habilidades de uma maneira superior” (SUTS, 1988, p. 2, tradução nossa).

Portanto, um dos elementos necessários para que uma atividade seja esporte é que esta seja uma prática de habilidades físicas. Nesse sentido, proponho que a habilidade física específica do bodybuilding é a pose. Recentemente o texto de Kind e Helms (2023) também abordou essa questão. O presente trabalho visa aprofundar nas habilidades físicas específicas do bodybuilding reforçando o argumento da prática como um esporte.

Além disso, a compreensão do bodybuilding como um esporte possibilita compreender essa atividade como uma prática, nos termos propostos por MacIntyre (2001). Dessa forma, por ser uma prática, o bodybuilding também teria seus próprios bens internos.

Como implicações práticas, esse trabalho contribui para tornar ainda mais claro que o bodybuilding não se trata apenas de uma competição para verificar o atleta que realizou a melhor preparação, através do treino e dieta. Mas sim um esporte do tipo performance que considera habilidades físicas específicas que são julgadas no momento da competição, que precisam ser treinadas para que o atleta tenha sucesso.



**SESSÃO PARALELA 3**  
**02/11/2023 - 10:15 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: TERESA LACERDA**

**A competição na educação física e desporto. Da natureza à dimensão educativa e cultural**

**António Camilo Cunha, Universidade do Minho**

O *objetivo* central desta reflexão, em jeito de pequeno ensaio, foi procurar olhar para a *competição* como uma das maiores expressões da *vida natural* e da *vida humana*, e neste caso concreto na educação física e no desporto. Neste contexto, a *metodologia* utilizada sai dos cânones de uma metodologia científica/empírica de investigação e tenta “escavar” pelo suporte reflexivo/crítico esta variável originária. A *competição* tal como outras dimensões bióticas (predação; parasitismo; cooperação; mutualismo; comensalismo) é uma das dimensões estruturantes da vida humana e da natureza. SERRES (2004, 2019) afirma que o homem chegou aonde chegou graças ao treino, técnica, repetição, cooperação e à *competição*. A *competição* é um dos vocábulos mais utilizados na história da vida na terra (e do homem) quer no sentido *positivo*, quer no *negativo*. Pela *competição* formou-se o universo mitológico e utópico; as espécies, ao que parece, evoluíram; assiste-se à emergência da economia/produtividade, dos media, das teorias e práticas ideológicas e políticas; o sentido axiológico esclareceu-se e diversificou-se; surgiu a cultura/culturas essas extraordinárias criações da humanidade em “confronto” (complemento) com a natureza. Cultura(s) que tem um fim em si mesma: o de ajudar a humanidade a humanizar-se (De CHARDIN, 2012; VAZ, 1991, a, b). Pela competição e cooperação o *ideário educativo* estabeleceu-se: desde a *Paideia/Aretê* grega, a

*Instructio latina, a Bildung alemã - metáfora da viagem, a Escola Nova até à Escola Moderna e com ela a técnica e tecnologia, o multiculturalismo, a integração, a igualdade. A competição constitui-se como um desiderato existencial. É um marcador, um fundamento, uma inscrição que estrutura a perpetuação da vida da natureza e da vida dos homens/mulheres. Este sentido também está plasmado na história da educação física e desporto. A reflexão inscreve-se em cinco itens: i) a competição hoje; ii) contradições e paradoxos da competição – humano e desumano; iii) ir à tragédia grega e aludir à competição; iv) a educação e o desporto no ideário grego – a competição está encimada; v) palavras ditas e considerações finais.*

## **Elogio à Dimensão Ética como Catalisador da Inclusão em Educação Física**

Tadeu Celestino  
Antonino Pereira  
Instituto Politécnico de Viseu

O processo de inclusão exige dos profissionais de ensino, para além de um quadro conceitual teórico, competências específicas associadas à sua implementação e a adoção de uma intencionalidade reflexiva. Com efetividade, o ato de ensinar independentemente da disciplina, acarreta a necessidade de desenvolver juízos morais e de decisão face à multiplicidade e complexidade das situações que os docentes têm de lidar nas suas práticas (Flores, 2015). Assim, parece-nos importante ressalvar que a profissão docente reveste-se de uma intencionalidade humana, cuja objetividade transcende a matriz científico-pedagógica (Ramos, 2018) e aglutina, igualmente, as dimensões da racionalidade ética, deontológica e axiológica da

profissão docente e que se materializam na ação do ser, estar e agir para com os outros e com os outros. Por conseguinte, a dimensão ética configura-se um modelador essencial ao sucesso da inclusão nas práticas de educativas de um modo geral e na EF mais particularmente. Assim, o professor de educação física que objetiva a inclusão deve orientar-se de uma intencionalidade no agir, no ser e pensar isto é de um sentido ético que se materializa numa intencionalidade inclusiva. Assim, o objetivo desta proposta de ensaio é o de trazer à discussão a relevância da ética como catalisador da intencionalidade inclusiva do professor para a efetivação de processos de inclusão na educação física e desporto escolar.

## **Educação física escolar e a presença do corpo sensível e criativo na escola**

**Beatriz Lima Lacerda dos Santos**  
**Soraia Chung Saura**  
**Ana Cristina Zimmermann**  
**Universidade de São Paulo**

Este trabalho tem como tema as possibilidades de pensar a presença do corpo sensível e criativo na escola, inspirados pelas cosmologias dos povos indígenas brasileiros. Através de pesquisa teórica, tem como objetivos: demonstrar que os instrumentos coloniais de domínio epistemológico ainda se fazem presentes no imaginário coletivo, com enfoque no dualismo corpo/mente articulado pelo pensamento eurocêntrico; analisar como a corporeidade e o Sensível fazem parte da estruturação de conhecimentos e saberes. Estas questões serão abordadas por meio do pensamento de Emanuele Coccia (2010) sobre a influência do Sensível e da sensibilidade em nossa existência no diálogo com referências de cosmovisões indígenas sobre o lugar e a concepção de corpo em tais organizações

sociais. Para tal, teremos como referência a pesquisa de Daniel Munduruku (2019) que nos fala sobre os princípios que regem o existir do povo Munduruku, guiados pela relação indissociável entre corpo-mente-espírito e a pesquisa de João Paulo de Lima Barreto (2021) sobre a concepção de corpo do povo Yepamahsã elaborada através do ponto de vista dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro que atuam na prática de bahsese. Bahsese é um conceito indígena associado à habilidade de evocar ou invocar ações curativas em diferentes elementos, vegetais, animais e minerais (Barreto, 2021). Tal referencial pode ampliar os estudos sobre o brincar livre e espontâneo (Saura, 2014) e sobre o jogo (Zimmermann, 2010) e seus potenciais sensíveis e criativos na escola. Concluiu-se que tanto a educação física escolar quanto os conhecimentos e saberes indígenas podem contribuir para transformar o território da escola em um espaço criativo e diverso, que admite uma corporeidade que se percebe sensível e estruturante no processo de ensino e aprendizagem.

## SESSÃO PARALELA 4

02/11/2023 - 12:00 - ANFITEATRO III

MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS

### De quantos animais se faz um ornitorrinco? A propósito de formalismo, convencionalismo e identidade do desporto -

Francisco Sobral, Professor Jubilado FMH

O nascimento da filosofia do desporto *stricto sensu* – isto é, a ultrapassagem da narrativa literária greco-latina, de pendor mitológico, heróico e elegíaco, centrada no atleticismo da Antiguidade clássica – está datado, por convenção alargada, em 1938, ano da publicação de *Homo Ludens*, de Joahnnes Huizinga, obra que, pela primeira vez, aborda o jogo (e o jogar, mais do que os jogos) numa perspetiva sócio-histórica e cultural.

A emancipação do desporto para uma autonomia filosófica própria, descontadas portanto as incursões de filosofia da educação nos debates sobre o valor e a legitimidade do desporto no processo educativo formal, ganhou um ímpeto muito expressivo a partir da década 1970, isto é, mais de quatro décadas após Max Scheler ter reconhecido que «raramente um fenómeno internacional contem-porâneo se revelou um objeto tão digno de estudos sociais e psicológicos quanto o desporto. O desporto desenvolveu-se consideravelmente, tanto em volume como em reconhecimento social, mas a sua significação ainda não foi verdadeiramente considerada.»

Scheler escreveu estas palavras (a que chamámos o “repto de Scheler”) em 1927, o ano anterior à sua morte. Note-se que ele apontou a dignidade de estudos sociais e psicológicos, omitindo os filosóficos; mas, conhecida a sua filiação na corrente fenomenologista, quando Scheler se refere à significação do desporto, ficamos

a saber por onde, e como, ele entendia que essa investigação devesse ser conduzida.

Isolar o objeto “desporto” nos seus limites essenciais, isto é, distingui-lo de outros objetos que, facilmente e frequentemente, são tomados como da mesma linhagem, a partir de aparências meramente formais, deve – no momento presente, em que assistimos a uma “elasticidade” sem limites do conceito de desporto, culminando no advento de novas práticas soi disant desportivas – inspirar uma reflexão aprofundada do próprio conceito de desporto.

O número de modalidades desportivas integradas no programa dos Jogos Olímpicos tem tido um crescimento contínuo desde o ano 2000. Nos Jogos de Tóquio, em 2021, 7 modalidades estrearam a sua presença: Climbing, Karaté, Skateboard, Surf, Beisebol e Softbal (as duas últimas, na verdade, reintegrações, pois estavam ausentes desde 2008). Todas elas universalmente aceitas como “desportos” e cumprindo outros requisitos fixados pelo COI, a saber: (a) estarem sob regulamentação de federações internacionais representativas; (b) cumprirem um número mínimo de países onde são praticadas.

Outras, porém, reclamam com insistência a sua igual legitimidade a integrar o elenco das modalidades olímpicas: os *e-Games* e a *Break-Dance*. Aqueles, sob os auspícios de uma poderosa indústria tecnológica; a última, invocando as novas expressões de culturas urbanas e o seu contributo (multi)cultural e (multi)étnico. Seguro é que, se não obtivermos um consenso alargado e consistente sobre o que é e o que não é desporto, existe um risco real de adulteração do conceito (ainda que não explícito) que preside ao movimento olímpico internacional. O risco é tanto maior nestes tempos propícios ao construtivismo social e ao pensamento fraco, em que tudo, como sustentam o filósofo Gianni Vattimo e o sociólogo Zygmunt Baumann, tende a ser fluido, multidentitário e multiforme – de geometria variável, digamos assim.

Este é um problema concreto, de ordem prática e atual, mas que não deixa por isso de ser propício a algumas incursões filosóficas.

Definir a identidade do desporto já produziu debates e episódios pitorescos na Academia e fora dela, mas que, assim como apareceram, desapareceram porque os interlocutores não dominavam os instrumentos analíticos necessários. Ora o princípio da identidade remonta a Parménides, quatro séculos antes da era cristã, aparentemente tão simples quanto isto:  $A = A$  e  $A \neq 0$ , mesmo se  $A = B$ , qualquer que seja  $B$ . Este princípio lógico exposto por Parménides entreteve muitos filósofos durante um século e meio, até Aristóteles ser chamado a intervir a propósito da reconstrução da Nave de Teseu. Todos os anos, os Atenienses tinham de contribuir para os trabalhos de reconstrução do navio em que Teseu regressara de Creta depois de matar o Minotauro, e de salvar a vida a um punhado de jovens que Atenas tinha de enviar como tributo ao rei Minos para lutarem (e, invariavelmente, morrerem) contra o Minotauro. Heraclito, porém, adotou o protesto público que já grassava na cidade, afirmando que se tratava de um desperdício sem justificação, pois não faria sentido continuar a nomear aquele navio, em constante renovação dos cepos apodrecidos, como “o navio de Teseu.” Aquele, insistia Heraclito, já não era e jamais voltaria a ser o navio de Teseu.

Como tentou, então, Aristóteles dar a volta ao texto, convencendo os Atenienses a não desistirem de pagar o seu tributo para a manutenção do navio?

Segundo Aristóteles, todo o objeto, animado ou inanimado, era resultante de quatro causas: formal, material, eficiente e final. Como do navio de Teseu só a matéria de que fora feito se deteriorava a cada ano, prevalecendo as outras três - (a) a forma inicial, que guiava a recuperação do navio; (b) a causa eficiente que orientava os artífices no trabalho persistente de recuperação do navio; e (c) a finalidade e a justificação para que fora construído. Como do navio de Teseu só a matéria de que fora feito se deteriorava a cada ano,

prevalecendo as outras três, o Estagirita concluiu que aquele montão de destroços deveria continuar sendo considerado a Nave de Teseu.

## **O Ciclismo é um Humanismo. Notas sobre o estatuto epistemológico das Ciências do Desporto**

**Luís Umbelino, Universidade de Coimbra**

Tomado como exemplo e ilustração o caso do ciclismo de alta competição, o objetivo do presente estudo será o de debater o estatuto epistemológico das ciências do desporto. Situaremos a nossa análise num lugar de fronteira entre modelos epistemológicos predominantemente explicativos e modelos epistemológicos informados pelo horizonte hermenêutico da compreensão e interpretação, assim procurando soluções complexas para o estudo contemporâneo de aspectos definidores do fenómeno desportivo.

## **Desporto e Filosofia**

**Jorge Araújo, Team Works**

No passado mês de Julho de 2021, entreguei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma tese de doutoramento intitulada “Motricidade e Corpo Expressivo”, aprovada em Janeiro de 2022 com louvor e distinção. Um ciclo de cerca de seis anos da minha vida pessoal e profissional bem elucidativa de quanto tinha razão o filósofo Manuel Sérgio ao defender que:

“Para filosofar sobre o desporto, ninguém melhor do que um agente do desporto... o fenómeno desportivo é o lugar por

excelência para pensar e investigar o comportamento humano; mas esta investigação deveria ser complexa e interdisciplinar, pois de nenhum outro modo se poderia, aliás, compreender a complexidade do humano. Tal como nos ensinaram os gregos e a modernidade por vezes pareceu esquecer, nenhum *homem da prática* pode deixar de ser um *homem da teoria*.”

Através da minha experiência diária de um continuado “aprender a fazer, fazendo” e da relação com todos aqueles com quem me ia envolvendo, adquiri determinados hábitos, um “saber do corpo” anónimo e pré-pessoal; reforçado por fim com o que a filosofia da percepção de Merleau-Ponty me viria a “obrigar”.

Enquanto seres de comportamento incorporado e verdadeiras potências fenomenológicas com um corpo que percebe, relacionamo-nos e reconhecemo-nos mutuamente na transcendência das nossas relações. Significando assim que, tal como à filosofia, devemos futuramente exigir aos mais diversos agentes do desporto a responsabilidade de repreenderem a ver a realidade que os envolve.

Família, Escola, Federações, Clubes, Dirigentes, Treinadores e Atletas necessitam cuidar em particular de três questões centrais:

- a) Que não confundamos tudo o que a ciência nos permite conhecer e aprofundar, com a verdade contida no ato de conhecer através da experiência subjetiva, “É ilusório ter um discurso científico sem levar em conta a base primitivamente subjetiva na qual assenta todo o ato de conhecimento.”<sup>1</sup>
- b) Que, existe um primado da ficção no modo como percepionamos a realidade em que nos inserimos; por vezes,

---

<sup>1</sup> Naccache, L., *L'Introspection de la perception visuelle, mythe et réalité*, (Le corps en acte, Presses Universitaires de Nancy, 2010), 25

satisfazemos aquilo que em determinadas circunstâncias gostaríamos que estivesse a acontecer: isto através da, “existência de atividades interpretativas que visam não propriamente ajudar a traduzir fielmente o que está em causa percebermos, mas sim oferecer-nos a satisfação e o reconforto que só o reinado do significado é capaz de proporcionar,”<sup>2</sup>

c) Que, é através da experiência vivida que conseguimos verdadeiramente assumirmo-nos com um todo, como um verdadeiro ser do mundo.

Foi nossa intenção ressaltar nesta comunicação a importância de uma comunicação experiencial e de uma continuada relação incorporada, cada vez mais aberta e disponível para o mundo que nos rodeia e para com aqueles com quem nos relacionamos.

---

<sup>2</sup> Naccache, L., *L'Introspection de la perception visuelle, mythe et réalité*, 40

**SESSÃO PARALELA 5**  
**02/11/2023 - 12:00 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: ODILON JOSÉ ROBLE**

**Para uma neurofilosofia do ténis de mesa**

**Paulo Alexandre e Castro, IEF-Universidade de Coimbra**

Sabemos hoje que o córtex pré-frontal desempenha um papel determinante na disposição de pensamentos complexos e comportamentos, no controlo cognitivo e, portanto, e também, na tomada de decisões. As experiências executadas com jogadores de ténis de mesa (através de eletroencefalografia- EEG) revelam um aumento significativo na percepção e no processamento do ambiente e das tarefas a serem executadas.

Considerando que uma bola de ténis de mesa pode atingir velocidades superiores a 150km/h e cerca de 90 rotações por segundo (diferentes efeitos dados na bola), e verificando-se que os jogadores são capazes de responder de forma adequada a essas dinâmicas, então urge pensar qual o papel que a mente desempenha nesse processo, ou seja, que resposta pode ser fornecida a partir de uma perspectiva neurofilosófica. Para tal, recorrer-se-á a estudos pioneiros como os de B. Libet, J. Le Doux, P. Churcland, E. Goldberg até aos mais recentes como os de A. Vicer, Sebastian Wolf, Elen Brölz (*et al.*), entre outros para justificar essa perspectiva neurofilosófica.

## **O Beisebol Acelerado como Suporte à Filosofia do Tempo de Byung-Chul Han**

**Renan Felipe Correia**

**Odilon José Roble**

**UNICAMP**

O beisebol é um esporte caracterizado por uma estética e ritmo lento e ritualístico, frequentemente com partidas que duram mais de três horas. No entanto, essa dinâmica não se alinha com os interesses contemporâneos das mídias, que preferem eventos esportivos mais curtos, visando maximizar seus lucros. Portanto, este estudo tem como objetivo argumentar que as recentes alterações nas regras do beisebol na MLB (Major League Baseball), concebidas para atender às demandas da televisão e reduzir a duração dos jogos, podem ser consideradas evidências empíricas que respaldam a filosofia do tempo do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

Han argumenta que as experiências legítimas estão ancoradas em um tempo lento e gradual, o que favorece a sua apreensão e apreciação. Sua teoria aborda a fundamentação da realidade no tempo e identifica uma fase intermediária de aceleração que antecede o domínio do não-tempo, caracterizada pelo aumento da velocidade em vários aspectos da vida cotidiana, como trabalho, comunicação e tecnologia. Essa mudança tem profundos impactos na percepção e experiência humana do tempo, ocasionando uma constante busca por produtividade e eficiência que afetam não apenas a percepção de si mesmo, mas também as relações interpessoais e o bem-estar geral. Isso resulta, entre outros efeitos, em um aumento do senso de urgência e uma menor tolerância à falta de gratificação instantânea.

No contexto atual do beisebol, as mudanças nas regras exemplificam os efeitos da aceleração. A imposição de limites de tempo para arremessos e a introdução do corredor extra nas entradas de

prorrogação refletem uma abordagem impulsionada por demandas não relacionadas ao esporte em si (orgânicas), mas sim por fatores econômicos (artificiais). Argumenta-se que essa aceleração artificial tem efeitos negativos e descaracteriza a essência do esporte em várias dimensões. Primeiro, a regra do corredor extra altera a natureza da atividade no seu ritmo e além, uma vez que o beisebol é intrinsecamente um esporte estratégico, diminuindo a importância dos arremessadores reservas e das técnicas de bunting, que são elementos tradicionais da atividade. Segundo, a introdução do relógio de arremesso reduz o aspecto ritualístico do confronto entre arremessador e rebatedor, forçando o arremessador a acelerar sua ação, com menos tempo para se preparar, levando a um aumento de erros e a uma redução do tempo disponível para desestabilizar o adversário. Além disso, a pressão por arremessos mais rápidos aumenta as lesões por fadiga, colocando a integridade física do jogador em risco.

Se outrora o beisebol costumava ser visto como um esporte lento e ritualístico, este perde parte da sua caracterização em sua versão acelerada, com muitos dos seus elementos culturais neutralizados. Isto parece ilustrá-lo como exemplo tangível e aplicável de evidência empírica para o conceito de aceleração de Byung-Chul Han. Se o campo de beisebol era um refúgio na cidade, onde as famílias podiam desfrutar de uma experiência tranquila e duradoura, as recentes mudanças nas regras da MLB favorecem o desaparecimento dessa possibilidade em prol de uma atividade esportiva mais rápida e frenética.

## **Entre Aventura e Delicadeza: velejar como uma experiência potente para mulheres**

**Maria Altimira Hackerott**

**Ana Cristina Zimmerman**

**Soraia Chung Saura**

**Universidade de São Paulo**

Este trabalho apresenta uma investigação sobre o que há de significativo na experiência de velejar para as próprias velejadoras. Temos visto que a prática constante de velejar molda a existência: conforme as velejadoras passam horas e horas navegando, aprendem a se adaptar às mudanças do vento, ganham intimidade com o barco, vivem a imensidão de modo íntimo e se relacionam com um mundo específico repleto de significações. Notamos que seus movimentos na navegação, além de moldar o aparelho anatômico-fisiológico também influenciam o ser ontológico. Assim, a partir de um referencial teórico que considera a existência ancorada no corpo (Merleau-Ponty, 1999) e que investiga os movimentos da imaginação suscitados pela materialidade do mundo (Bachelard, 2001, 2002, 2003, 2008, 2016), traçamos um caminho de análise que investiga fenomenologicamente o que as mulheres velejadoras sentem e elaboram sobre a experiência de velejar. Nesse sentido, uma vez que estamos interessadas na experiência vivida, decidimos como estratégia metodológica olharmos para o velejar das mulheres a partir de uma extensa pesquisa de campo e entrevistas, além das considerações da experiência de uma das autoras. A pesquisa de campo foi composta pela observação da prática de várias velejadoras ao longo de 2019, 2021 e 2022, onde observações sistematizadas de velejadoras em treinamento, em competição ou em passeio, foram realizadas. Todas as observações aconteceram em águas brasileiras, nas regiões de Ilhabela-SP, Ubatuba-SP e São Paulo-SP. Para além das observações e descrições, realizamos entrevistas semiestrutu-

radas em profundidade com 10 velejadoras de diferentes tipos de barcos e contextos sociais. Analisando os dados, identificamos que ao habitar o mar (ou a represa) com seus veleiros, as mulheres sentem a natureza aconchegante e ao mesmo tempo hostil, com toda a carga simbólica que estas percepções carregam. Vimos que elas vivem experiências significativas com elementos permeados pelos imaginários da aventura e da delicadeza. Assim, observamos uma alegria subversiva em viver a aventura e um orgulhoso reconhecimento do valor da delicadeza. Com base nestes aspectos e sob o referencial teórico da fenomenologia da imaginação de Bachelard (1996) encontramos elementos para discutir o caráter androgino da imaginação que a navegação nos suscita viver, bem como a potência de se permitir ser o que se deseja.



**SESSÃO PARALELA 6**  
**02/11/2023 - 12:00 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: PAULO BOCCATI**

**Ginástica para Todos como Esporte: um posicionamento filosófico**

**Tamiris Lima Patrício**  
**Kaio César Celli Mota**  
**Michele Viviene Carbinatto**  
**Universidade de São Paulo**

No Brasil, discussões epistemológicas sobre o conceito do “esporte” têm sido recorrentes (BORGES e PORTILHO, 2021). Se em um determinado período entrelaçou-se com justificativas utilitaristas, noutros, envolveu-se com aqueles de cunho militar. Subsidiou-se discursos no âmbito educacional, como também se revelou como propósito de saúde. Nestes processos o esporte fora concebido enraizado por paradigmas hegemônicos, com destaque àqueles inspirados pela ciência positivista, deliberando-o pelo ordenamento, dualismo e práticas tecnicistas. De cunho reducionistas, essas perspectivas limitaram a compreensão do esporte uníssono a um mundo transitório, cuja práxis dialética é eminente. Emergente se fizeram estudos de cunho filosófico que fundamentaram tendências pedagógicas que revisitaram tais enraizamentos, como o de concepções sobre corpo que, por sua vez, ampliaram a de esporte, o concebendo como possibilidade de movimento no sentido do encontro, do lúdico, da superação, sem se atrelar, exclusivamente, ao controle corporal ou submissão de códigos gestuais e poderes dominantes (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2020). Logo, as experiências esportivas não devem se limitar às modalidades

esportivas convencionais e reconhecidas, mas sim serem integradas em perspectivas que moldam nossa singularidade no mundo. Instigados por direcionamentos didáticos, alguns autores dividiram o esporte em diferentes objetivos, como Bracht (1997) e Tubino (2003), que o diferenciaram entre participação e rendimento, impulsionando formas de pensar o esporte. Mas, apresentamos aqui, a prerrogativa da obra de Kunz (1994), que defende uma “não restrição conceitual” do esporte. Baseado também pela fenomenologia, propõe que o entendimento do esporte deveria ser ampliado diante da incorporação do “se movimentar”, viabilizando que atividades de menor complexidade também pudesse ser vistas como esporte, fato que potencializaria sua promoção, tornando-o mais acessível e menos excludente. Em adição, coadunamos com Bento (2013) quando enfatiza que o esporte tem sido interpretado pelas conveniências midiáticas, perdendo uma identidade de prática educativa. Resultando em adotar percepções significativas que enriquecem nossas experiências pessoais e interpessoais, colaborando para nosso progresso. Neste contexto, compreendemos que a Ginástica para Todos (GPT), como uma prática corporal desprovida de uma regulamentação gestual e essencialmente participativa, faz parte do fenômeno “esporte”. Resguardamo-nos ao fato de que, para não perder a sua identidade, prima-se pelo movimentar-se ginástico, mas não os limita por ginásticas de cunho competitivo e de rendimento (TOLEDO, TSUKAMOTO e CARBINATTO, 2016). Nossa convicção reside na centralidade da prática ginástica diversificada e inclusiva, em que o “se-movimentar” orienta as escolhas daqueles que a adotam, assegurando uma prática corporal democrática, com potencial edificador por toda a vida (PATRICIO e CARBINATTO, 2021). O se-movimentar, a partir do suporte da corporeidade, evidencia uma ginástica que permite rotacionar o corpo no ar, mas que flexibiliza esse fundamento com o uso de aparelhos, ajuda manual e diferentes olhares. Que comprehende e acolhe o corpo seja de qual

forma, peso e cor. Que tramita um processo de ensino pelo afeto das experiências vividas. Logo, que assume que a ginástica pode e deve ser para todos, e que todos por ali são esportistas.

## **Aprendizagens em educação física: percepções dos alunos em duas escolas do ensino primário de Angola**

**Bráulio Lopes  
Paulo Nobre**

O papel da Educação Física (EF) é estabelecido nos programas de ensino, fomentando uma construção dos cidadãos, orientada para competências de movimento, enquadradadas pela cooperação e pela competição, pela aceitação do outro e no reconhecimento do trabalho em equipa, entre outros fatores (UNESCO, 2015). Este contexto justifica o estudo da percepção dos alunos sobre as aprendizagens realizadas em EF, que iniciamos neste trabalho sobre o Ensino Primário (EP) em Angola.

### **Objetivos**

Caracterizar a percepção dos alunos do EP sobre as aprendizagens realizadas em EF.

Identificar a correspondência entre as percepções dos alunos e as finalidades dos programas de EF de Angola.

### **Metodologia**

Estudo exploratório, com questionário sobre as percepções de aprendizagem dos alunos nas aulas de EF (24 itens, em 5 categorias com base nas finalidades dos programas de EF, escala tipo Likert), de aplicação indireta, em duas escolas da região de Luanda.

Participaram 59 alunos de duas escolas, 32 rapazes (54%) e 27 raparigas (46%), com idade média de 11 anos ( $\pm 1,365$ ), entre os 9 os 14 anos de idade, das 6<sup>a</sup> (56%), 5<sup>a</sup> (25%) e 4<sup>a</sup> classes (19%). Foi solicitada autorização prévia às escolas, com termo de consentimento informado, sendo observados os procedimentos de anonimato e de confidencialidade no registo e tratamento de dados, com estatística descritiva.

## Resultados

Nas aulas de EF, os alunos e as alunas do EP aprendem a ganhar sem batota ( $M=4,03$ ;  $DP=0,830$ ), que todos são importantes ( $M=3,86$ ;  $DP=1,008$ ), e a colaborar com os colegas ( $M=3,78$ ,  $DP=0,948$ ). Aprendem também a respeitar as regras ( $M=3,75$ ;  $DP=0,939$ ), a ajudar sempre os outros ( $M=3,73$ ,  $DP=0,962$ ), e que fazer o melhor ajuda a ganhar os jogos ( $M=3,86$ ,  $DP=1,041$ ). Os dados revelam igualmente percepções sobre a higiene individual e sobre a educação para com os outros, sendo as competências relativas às habilidades do movimento e das competências desportivas menos destacadas.

## Conclusões

Verifica-se uma maior concordância nas percepções relativamente à componente social das aprendizagens em EF e em relação ao controlo de si, o que parece aproximar-se em parte das finalidades da EF estabelecidas pelo Estado Angolano, e merece exploração posterior dado o número reduzido de participantes nesta fase.

## **A Filosofia de Henry Bergson e o diálogo com a educação física escolar**

**Ana Gabriela Alves Medeiros**

**Marlon Messias Santana Cruz**

**Universidade do Estado da Bahia**

O presente trabalho busca fazer uma relação entre memória, corpo e as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física no ambiente escolar. Para isso, a relação memória e corpo, segundo o conceito de memória em Henri Bergson, possibilita desenvolver a maneira como se vive. A memória é coletiva, ontológica e psicológica, portanto nas aulas de Educação Física a relação entre memória e cultura corporal implica o corpo em uma articulação para compreender o que é educação em um contexto mais amplo. Henri Bergson (1859-1941), foi um filósofo e diplomata francês, prêmio Nobel de literatura em 1927, que se consagrou um pensador da duração (do tempo), ficou conhecido por exprimir em seu nível filosófico um novo paradigma baseado na consciência e na intuição. A filosofia bergsoniana, está situada na passagem do século XIX para o XX, período com expressiva ascendência dos projetos positivistas e científicos que exigiam a passagem das certezas científicas pelo crivo da observação direta dos dados e da sua comprovação empírica, conduzindo impreterivelmente à mensuração de toda e qualquer experiência e encontrando o seu desfecho em uma explicação traduzida na relação de causa e efeito. Para Bergson, as ações se realizam em tempo real e as visões mentais marcadas por paradas virtuais são impossíveis de serem exprimidas em tempo real, haja vista que o tempo real não possui limites, “a imagem viva se apresenta como transmissora de movimento, estando em interação com as demais imagens do plano material. (...) o corpo, (...) se encontra situado entre os movimentos recebidos do mundo externo

e os movimentos executados pela face motora” (MACIEL JUNIOR, 2017, p. 34). Portanto, Bergson apresenta a teoria da memória que aproxima a um problema de filosofia cognitiva, diretamente relacionado a um problema de teoria do conhecimento, ou seja, para haver conhecimento tem que haver memória. Contudo, a memória, por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram essa temporalidade que marca suas vidas. Tão logo, lançar mão da memória como recurso para identificar as contribuições da formação inicial na atuação de professores, supõe olhar com cuidado para essa memória que preserva elementos da experiência coletiva, particular e individual. A implicação desta memória na prática docente em Educação Física diz respeito a sua relação da memória com o corpo em movimento, contudo, não se reduz a uma relação entre os conteúdos da Educação Física e as estruturas físicas do cognitivo humano. A memória dá conta de todo o passado dos corpos e dos corpos vivos em movimento (Bergson, 1990). Assim, precisamos compreender que “[...] a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125), é nesse contexto que a relação dos sujeitos e das coletividades sociais com o esporte e o lazer, bem como as diferentes formas de cuidar e se relacionar com o corpo fazem parte da memória socialmente compartilhada, historicamente desenvolvida e coletivamente alimentada.

**SESSÃO PARALELA 7**  
**02/11/2023 - 14:30 - ANFITEATRO III**  
**MODERAÇÃO: SUSANA ALVES**

**O uso dos jogos como instrumentos de formação dos cidadãos nas leis de Platão**

**Diane Fátima Bonet**  
**Juliano Paccos Caram**  
**Universidade Federal da Fronteira Sul**

O presente trabalho faz parte do estudo em desenvolvimento no mestrado em filosofia na Universidade Federal Da Fronteira Sul - UFFS, na linha de pesquisa ética e política. O projeto visa compreender e demonstrar a importância dos jogos para a formação dos novos cidadãos, nos livros II, VII e VIII das “Leis” e como eles se relacionam com a concepção de educação proposta pelo filósofo na mesma obra. Para desenvolver a investigação foi escolhido como método a análise e revisão bibliográfica, partindo inicialmente da leitura e análise da fonte primária, ou seja, os livros II, VII e VIII da obra “As Leis” de Portugal traduzida por Carlos Humberto Gomes, e posteriormente a leitura e análise de fontes secundárias com a intenção de investigar o que os estudiosos de Platão já estudaram sobre esse tema e pensam sobre o jogo relacionado com a educação nas “Leis”. Inicialmente foi realizada uma descrição da concepção de educação elaborada pelo pensador e identificou-se as formas de jogo apresentadas na obra. Também constatou-se que para Platão, os jogos são práticas de movimento corporal que possibilitam a correta educação dos jovens frente à internalização das regras. Em relação à educação defendida pelo filósofo, compreendeu-se que o processo educativo inicia-se antes do nascimento da criança, quando ela está no ventre da mãe. Por isso, será instituído por lei

a necessidade de a mãe fazer caminhadas, sendo que o movimento possibilita que os nutrientes sejam distribuídos corretamente pelo corpo. Para Platão, até os três anos as crianças devem ser estimuladas com exercícios contínuos de movimento. Dos três até os seis anos os meninos e meninas são reunidos os templos da cidade para a prática dos jogos, que proporcionam divertimento e são fáceis de serem assimilados. Na infância eles precisam também participar dos jogos de treinamento, podemos citar como exemplo a equitação, a corrida, o arremesso do dardo, os quais, os preparam para a participação civil através do ensino e uso correto das regras. Diante do exposto, percebeu-se que para Platão, os jogos são importantes para a educação porque auxiliam no ensinamento das regras. Mas, é importante que os tutores estimulem que as crianças joguem seguindo sempre os mesmos princípios, pois a mudança pode causar aversão às leis escritas.

## **A dualidade interpretativa do conceito de esporte: limitações e possibilidades**

**Narayana Astra van Amstel**  
**Carlos Alberto Bueno dos Reis Júnior**  
**Universidade Federal do Paraná**  
**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Universidade Estadual de Londrina**

Possíveis definições de esporte costumam abarcar, grosso modo, duas linhas interpretativas distintas: os que compreendem o esporte em sentido lato, assumindo como uma prática que transcende tempo e espaço e que se mostra presente em todas as épocas e povos, com suas diferentes variações; por sua vez, há os que atribuem ao esporte uma caracterização estrita, tendo nascido em meados dos séculos XVIII e XIX na Inglaterra, e que, portanto, seria uma ativi-

dade totalmente única da modernidade, sem nenhuma comparação possível com outras práticas de tempos passados. Nesse ensaio, trazemos à tona os repertórios argumentativos sustentados por ambas correntes interpretativas, indicando alguns dos autores que acreditamos serem mais emblemáticos para representar cada linha de pensamento. Em seguida, nos ocupamos de levantar possíveis vantagens e limitações de cada opção teórica, o que nos conduziu a concluir que os diferentes usos conceituais do esporte, em sentido amplo ou estrito, atuam como ferramentas heurísticas que alicerçam reflexões específicas para cada caminho interpretativo. Nesse sentido, ao invés de apontar a superioridade de um conceito em detrimento de outro, buscamos apresentar as diferentes utilidades de pesquisa a cada um dos sentidos em curso. Mais do que competirem entre si para saber qual melhor representa a realidade, interpretar o esporte em sentido amplo ou estrito pode ajudar pesquisadores a se aprofundarem nas nuances de continuidades e rupturas do que se entende por esporte.

## **Aportes fenomenológicos no esporte: reflexões de um grupo de estudos e pesquisa no Brasil**

**Michele Viviene Carbinatto, Universidade de São Paulo**

As reflexões suportadas pela fenomenologia, revisitam conceitos nucleares no âmbito da Educação Física e Esporte, dentre elas a do corpo. Transcendendo princípios cartesianos e dualistas, revela o corpo como ser e estar no mundo, consigo e com os outros (MERLEAU-PONTY, 2008) em que a práxis dialética impõe sobre o viver. Como consequência, advoga as experiências vividas como salutares para superar o trato biológico e processos de ensino e aprendizagem no esporte de cunho tecnicista, trazendo à tona a

centralidade dos praticantes, valorando história de vida, contexto social e sentidos e significados próprios. O corpo, revelado em sua indivisibilidade, vivencia o mundo e os outros, os sente, os goza e por ele encarna experiências. Não por menos, estudiosos entrelaçaram a fenomenologia com estudos na Educação Física e Esporte (SURDI e KUNZ, 2009; NÓBREGA, 2010; MOREIRA, 2019; ZIMERMANN e SAURA, 2019) instituindo o mundo vivido como balizadora dos pensamentos na área. São nessas bases que o Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da USP (GYMNUSP) tem apontado seus estudos (PATRICIO e CARBINATTO, 2021). Se optando pela fenomenologia como base teórica e/ou olhares na metodologia pela análise fenomenológica, nossas teses e dissertações – e, consequentemente, produções em artigos e capítulos de livros têm trazido luz a experiência vivida por aquele que experimenta o esporte, em particular a ginástica, e a dança. Apresentamos, pois, alguns trabalhos e suas ressonâncias: a. percepção da experiência vivida por ginastas adultos em um festival (processo e evento em si) (PATRICIO, 2021); percepção da experiência vivida por discentes universitários quando da concepção de um grupo de ginástica e suas participações em festivais de ginástica (CORREA, 2022); análise de práticas pedagógicas em ginástica voltadas ao professor e ao aluno e o compor coreográfico em ginástica (HENRIQUE, 2020); o ser-esportista de atletas com Síndrome de Down no mundo vivido na Ginástica Rítmica e no Nado Artístico; ser-gímnico por pacientes oncológicos e idosos e o dançar em casa durante a pandemia da COVID/19. A atenção aos aspectos metodológicos com respeito e cuidado evidente à experiência vivida pelos protagonistas das pesquisas apresentam com bastante radicalidade e academicismo aspectos do contexto social, intersubjetividade, empoderamento e, inclusive, caminhos para uma prática em prol de uma epistemologia sul-corpórea, com tratos na decolonialidade (ALMEIDA, et al, 2021). No âmbito brasileiro e com recorte na ginástica, o GYMNUSP se

reconhece como um grupo que se inspira nos aportes filosóficos e, ainda que nosso caminho reflexivo seja inicial, a síntese com a bagagem do mundo vivido no esporte por cada componente do grupo tem se mostrado eficaz para tratar de modo didático e exemplificador os conceitos da fenomenologia e suas benesses na área da EF/Esporte.



**SESSÃO PARALELA 8**  
**02/11/2023 - 14:30 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: JOSÉ LIMA**

**Desporto na Era do Melhoramento Humano: Problemas Filosóficos e Implicações Sociais**

**Rui Vieira da Cunha, Business School Universidade Católica do Porto**

Ao longo da história, vários meios foram utilizados pelos atletas para melhoria do desempenho, desde substâncias farmacológicas, como esteróides anabolizantes, a avanços no equipamento, como fatos de banho avançados (Yesalis & Barke, 2002). As antecipadas tecnologias de melhoramento humano, entendidas como a utilização não médica de tecnologias biomédicas para melhorar o corpo humano ou o desempenho para além das suas limitações naturais (Dijkstra&Schuijff 2015), apontam para um momento crucial na história do desporto, com métodos que vão desde a transferência de genes à câmara hipóxica (Miah 2007). Este artigo aborda questões filosóficas sobre o desporto num futuro transumanista, explorando as possíveis trajetórias e implicações da integração ou rejeição de melhoramentos humanos em competições atléticas.

À medida que os melhoramentos se tornam mais avançados, a linha entre o talento natural e o desempenho tecnologicamente melhorado torna-se cada vez mais ténue. Isto levanta questões essenciais, algumas das quais são conceptuais ou metafísicas, enquanto outras são práticas ou éticas. Por exemplo, o que é que constitui uma competição “justa” e em que momento é que a tecnologia altera essa situação? Como definimos e valorizamos o mérito, o esforço e a realização humana no desporto quando o campo de jogo é alterado pela tecnologia? Como é que as tecnologias

de melhoramento humano redefinirão os limites do desempenho atlético “natural”? Os desportos necessitarão de novas categorias ou classificações com base no nível ou tipo de melhoramento? (Foddy & Savulescu 2018) Mais do que isso, porém, o cerne destes problemas leva-nos a questões filosóficas sobre o espírito do desporto e a natureza dos feitos atléticos excepcionais. No centro desta exploração está uma dicotomia fundamental: a celebração do talento humano natural versus a maravilha dos aumentos tecnológicos e o que devemos considerar um desporto (Suits 1978).

Perante estes desenvolvimentos tecnológicos, como irão as sociedades reconfigurar o desporto? Irá prevalecer a luta pelo natural ou irá prevalecer uma atitude a favor do aperfeiçoamento? Ou haverá uma bifurcação dos desportos, com categorias ou competições distintas lado a lado, como os “Jogos Melhorados” e os “Jogos Naturais”, os primeiros reservados aos atletas com vários melhoramentos, ultrapassando os limites do desempenho humano, e os segundos destinados aos atletas que competirão sem qualquer forma de melhoramento tecnológico. Quais seriam as implicações sociais e culturais desta potencial bifurcação e como é que os adeptos percepcionariam e valorizariam as realizações em cada categoria? A dinâmica económica do desporto, por exemplo, seria alterada? E de que forma?

Em conclusão, este documento oferece uma exploração especulativa, mas fundamentada, do futuro do desporto num mundo transumanista. Ao examinar as trajetórias potenciais, as implicações sociais e os desafios éticos, oferece uma perspetiva abrangente sobre a forma como a fusão da tecnologia e da humanidade pode remodelar o mundo do desporto, desafiando as nossas noções de realização, justiça e potencial humano.

## **Ética Kantiana no Fisiculturismo: Análise Crítica do Uso de Substâncias e seus Impactos na Comunidade Esportiva**

**Bruno Daniel Alves de Souza, Pontifícia Universidade Católica de Campinas**

O presente trabalho visa realizar uma análise ética e moral do fisiculturismo e de sua comunidade à luz da fundamentação moral da filosofia de Immanuel Kant. A pesquisa abordará um dos aspectos mais intrínsecos do fisiculturismo enquanto esporte de alta performance, a saber, o uso de substâncias para o aumento do desempenho esportivo. A utilização destas afeta diretamente os atletas e, consequentemente, sua comunidade, de tal forma que esse aspecto deve ser investigado. A moral kantiana surge como meio para repensarmos as ações realizadas pelos atletas que se submetem a um uso indiscriminado e abusivo de substâncias buscando alcançar determinado padrão estético dentro do esporte por meio dos anabolizantes. Esse uso, além de afetar, influencia toda uma comunidade para a utilização desses fármacos sem os devidos meios e, pior, sem os devidos recursos preventivos aos perigosos efeitos colaterais. Assim, faze-se oportuno efetuar uma análise a partir da noção kantiana de imperativo categórico, e propõe-se que tal princípio seja posto em prática no fisiculturismo como meio para que a utilização dessas substâncias seja repensada. Desta forma, é lançada a problemática em torno do uso indiscriminado e abusivo dos anabolizantes pelos fisiculturistas que, consequentemente, influenciam diretamente uma determinada comunidade a fazer uso do mesmo. Sendo assim, a pesquisa será feita por meio da ética deontológica de Kant para possibilitar uma análise segura, que vise manter uma conduta ética e moral no esporte, buscando assegurar a integridade para todos os praticantes do fisiculturismo.

## **A ética do uso de placebos na medicina esportiva: um panorama geral**

**Marcus Campos, Mike McNamee e Pascal Borry, KU Leuven**

Na prática médica, o efeito placebo pode ser definido como uma consequência positiva de substâncias inertes pareadas com um tratamento tradicional. Pesquisas experimentais e clínicas a partir de estudos sobre o efeito placebo demonstram evidências significativas para a realidade do que podemos chamar “placebo respostas”. No esporte, a equipe médica pode fazer uso de um placebo principalmente por dois motivos: tratamentos sintomáticos, como controle da dor, e melhora do desempenho. No entanto, como suas definições tradicionais adotam o conceito de “engano” como uma condição necessária para o conceito, o uso de placebo é amplamente considerado como uma administração que apresenta dilemas morais. A potencial violação dos princípios de respeito à autonomia (direito do paciente de escolher o tratamento) e beneficência (dever do médico de agir no melhor interesse do paciente) figura como um desafio central para a ética do placebo. O uso de placebo também pode ser considerado problemático devido à não adesão à medicina baseada em evidências (MBE) e à condição necessária de engano na sua definição. A literatura de ética médica e bioética tem analisado intensamente os argumentos a favor e contra o placebo. Este estudo aplica a ética médica e a bioética à medicina esportiva. Apresentam-se os argumentos oferecidos na literatura, bem como suas aplicações singulares para a realidade esportiva.

**SESSÃO PARALELA 9**  
**02/11/2023 - 14:30 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: ANA ZIMMERMAN**

**Contributos para uma filosofia do comentário desportivo**

**Luís Cristóvão, Jornalista Desportivo**

O comentário desportivo tem, na atualidade, um enorme peso na forma como é entendido o fenómeno desportivo pelas massas. Para lá da prática jornalística, o espaço comunicacional preenche-se de comentários e opiniões que têm ação sobre aquilo que acontece na competição, na forma como o atleta se perceciona e é percecionado, conquistando também um elevado peso na maneira como os técnicos e os dirigentes se relacionam com os acontecimentos e com o mediatismo dos mesmos.

Separase o que é o comentário desportivo em duas vertentes. O que acompanha o acontecimento, em direto, na televisão ou na rádio, fazendo-se a partir dos dados concretos que o jogo ou a competição apresentam. O que procura resumir e analisar, posteriormente, os acontecimentos do jogo ou competição, selecionando os temas e explorando os mesmos para a criação de uma leitura possível do que aconteceu no evento desportivo.

O comentário desportivo é, essencialmente, uma ocupação individual, que leva a que o comentador defina por si próprio as linhas da sua educação, preparação e desenvolvimento da função, acomodando-se aos espaços mediáticos que não são definidos por si. Neste trabalho, a definição de uma filosofia de preparação e intervenção, muito focada na prática, mas com necessidade de definição de linhas teóricas de evolução, é uma possibilidade pouco discutida.

É, desta forma, compreender a forma de educação do comentador, venha ele da prática desportiva ou da jornalística, as exigências da sua função, o desenvolvimento da mesma, aliada a uma teorização do seu percurso com vista ao desenho de uma filosofia do comentário desportivo. Neste sentido, é fundamental também entender as relações que se desenvolvem com praticantes e técnicos para o encontro de uma contextualização das missões e das funções de cada um no fenômeno desportivo.

## **Jornalismo Desportivo**

**Magali Lameira, FEF-UNICAMP**

O jornalismo esportivo brasileiro desempenha um papel significativo na vida cotidiana da população, mas muitas vezes é criticado por sua superficialidade e sensacionalismo. Este trabalho elabora uma proposta alternativa diferente para o jornalismo esportivo, buscando incorporar a filosofia do esporte para proporcionar um conteúdo mais profundo sem comprometer o entretenimento para os telespectadores. O questionamento central é: “Como criar um programa de jornalismo esportivo que integre a filosofia do esporte para proporcionar um conteúdo de maior profundidade, enquanto ainda mantém o entretenimento e o aspecto informativo, para os telespectadores?”. O trabalho tem como intuito destacar a importância do jornalismo esportivo na sociedade brasileira, uma vez que o esporte é uma área de interesse significativo para a população, ocupando o segundo lugar em termos de interesse público. Isso indica a relevância do esporte não apenas como uma atividade física, mas também como uma fonte de informação e entretenimento. Neste sentido, o jornalismo esportivo pode oferecer mais espaço para profissionais de Educação Física, aprofundando o conhecimento daqueles envolvidos

no esporte. Isso não apenas informaria melhor os entusiastas do esporte, mas também os ajudaria a entender o esporte de forma mais eficaz, crítica e efetivamente ativo na sociedade atual. Além disso, abriria espaço para explorar questões filosóficas no esporte, como ética, estética e epistemologia, dentre outros temas. A pesquisa que está em andamento, busca explorar como a filosofia do esporte pode ser aplicada para criar conteúdo esportivo televisivo que adapte conceitos complexos de maneira acessível, profunda e de alta qualidade. Aqui, podemos destacar a importância de usar recursos acadêmicos, como obras de Bernard Suits, Emily Ryall e Andrew Edgar, como base para uma narrativa esportiva enriquecedora e fundamentada. O estudo se concentra na análise do programa televisivo “Valores do Esporte” e sua abordagem à filosofia do esporte. Com este modelo de programa, procuramos avaliar a viabilidade deste programa como uma fonte de informação e formação para cursos de Educação Física e para a audiência em geral. A análise do estudo foi realizada sob a perspectiva retórica, considerando os componentes de logos, ethos e pathos. O ethos dos entrevistados é avaliado com base em sua credibilidade e autoridade no assunto, o pathos é analisado quanto à capacidade de evocar emoções e o logos é usado para avaliar a lógica e a fundamentação dos argumentos apresentados. O primeiro programa analisado como exemplo e estudo piloto para a pesquisa de mestrado acadêmico aborda a questão de gênero no esporte e apresenta dois entrevistados, um filósofo do esporte e um especialista em estudos de gênero. Ambos demonstram credibilidade em suas respectivas áreas e usam pathos para destacar a importância da inclusão e compreensão das experiências das pessoas trans no esporte. Além disso, utilizam o logos para argumentar a favor de uma discussão baseada em dados científicos sólidos. Em suma, é importante destacar a necessidade desta abordagem mais aprofundada no jornalismo esportivo brasileiro, que incorpore a filosofia do esporte para fornecer conteúdo de alta qualidade com criticidade.

## **Greatest of all time (GOAT): Considerações sobre a falação esportiva na sociedade do espetáculo e do consumo**

**Roger Luiz Brinkmann, Universidade de São Paulo**

O papel do esporte de alto rendimento na sociedade moderna possui várias facetas, como por exemplo, busca por excelência, simbolismos e identidade, mas uma das maiores características é que o espetáculo esportivo de alto rendimento virou um negócio (BESNIER et al, 2019). Em termos econômicos, é uma indústria bilionária que cresce ano a ano (STATISTA, 2023). O ápice do esporte de alto rendimento são os Jogos Olímpicos. Em 2021, nos Jogos de Tóquio, um pouco mais de 15 mil atletas (olímpicos e paralímpicos) competiram. O evento foi assistido por 3,05 bilhões de pessoas ao redor do planeta (IOC, 2021). Esses dados de consumo demonstram que a sociedade se interessa pelo esporte, mas ainda há pouca prática esportiva da população geral. De acordo com a Organização Mundial da Saúde 47% da população mundial vive um estilo de vida sedentário (WHO, 2022).

Uma das consequências do esporte espetáculo (alto rendimento) é o exacerbado interesse da mídia. De maneira geral, a dinâmica do espetáculo é retroalimentada por interesses financeiros. O objetivo é transmitir o espetáculo para bilhões de pessoas e em troca receber valores altíssimos de empresas que estão patrocinando esse espetáculo. A mídia promove o espetáculo, fabricando emoções, rivalidades e tensões, para que a população se interesse em consumir tal espetáculo. As empresas interessadas em estampar sua marca nos eventos, pagam para aparecer, na esperança de que a população consuma os produtos daquela empresa.

Historicamente, a sociedade se interessa pelo espetáculo esportivo, vide a política do Pão e Circo no Império Romano (VEYNE, 2015). A diferença entre àquela época e a atualidade é a repercussão

mediática pré, durante e pós espetáculo esportivo. São incontáveis os programas de debate sobre o espetáculo esportivo na mídia (rádio, TV, YouTube etc). Esses programas são uma demonstração do que Umberto Eco conceituou como ‘falação esportiva’. Os comentaristas falam sobre uma determinada partida, sobre os erros dos técnicos, sobre os erros dos árbitros, sobre a bela atuação de um jovem talento, sobre o comportamento lamentável das torcidas etc. Há discussões para todos os nichos.

Um dos assuntos do espetáculo esportivo atual que perpassa praticamente todos os programas de debate é a discussão sobre quem é o maior atleta de todos os tempos, o famoso GOAT (Greatest Of All Time). Essa discussão é estratégica para a mídia, pois é subjetiva e infinita. Sempre é possível incluir um critério para deixar o debate mais longo. São discussões que não incentivam a prática esportiva, apenas o consumo do espetáculo esportivo de maneira passiva.

O objetivo desse texto é fazer uma crítica a falação esportiva dos GOATs, argumentando que esse tipo de discussão efêmera é um retrato da sociedade que consome o espetáculo esportivo de maneira passiva. Ademais da crítica, é proposta uma reflexão sobre qual a verdadeira importância e relevância do esporte de alto rendimento na atualidade com base nos pensamentos de Umberto Eco (falação esportiva), Guy Debord (espetáculo) e Jean Baudrillard (consumo).



## SESSÃO PARALELA 10

02/11/2023 - 16:15 - ANFITEATRO III

MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS

### **Violência nos Esportes: Como um Filosofia da Violência pode nos ajudar a entendê-la e a avaliá-la melhor?**

Alexandre Meyer Luz, Universidade Federal de Santa Catarina

“Violência” é um conceito coberto por camadas de suposições irrefletidas, inclusive - e especialmente - em ambientes acadêmicos. Uma destas suposições engloba uma confusão entre o nível descritivo e o nível normativo: a de que a violência é sempre inapropriada. Uma abordagem mais cuidadosa das atribuições de violência permitirá uma leitura mais fina destes dois âmbitos e de suas relações: ela permitirá que entendamos mais apropriadamente a natureza de tais atribuições (grosso modo, responder à pergunta sobre “o que significa dizer que algo é violento?”) e as motivações associadas às eventuais avaliações do que foi classificado como violento (grosso modo, responder à pergunta sobre “o que faz com que algo descrito como violento seja em algum sentido apropriado/ inapropriado?”). Uma boa Filosofia da Violência é particularmente importante para a reflexão sobre os esportes, por conta da sua própria natureza: podemos ficar tentados a descrever muitos dos fenômenos típicos das disputas esportivas em termos de violência; por exemplo, afirma-se que “treinamento para o alto desempenho pode ser violento para o corpo”, que “um jogador de futebol deve lidar com sua agressividade para evitar ser expulso por alguma ação violenta”, que o “Boxe é um esporte violento” e etc. Uma Filosofia da Violência ajudará a identificar o que tais declarações compartilham, sob quais aspectos elas abrangem fenômenos muito distintos entre

si e sob quais aspectos elas podem ser disputadas como apropriadas ou não. Como exemplo, considere a declaração de que “o Boxe é violento”. Primeiramente, há de se considerar que tal declaração é geral demais; trata-se de classificar as ações típicas de uma luta de Boxe como violentas? Se este é o caso, todas as ações? Ou trata-se de descrever os estados mentais dos boxeadores? Se este é o caso, todos os diferentes estados mentais pelos quais um lutador passa, nos treinos, na véspera da luta, durante a luta? Em segundo lugar, ao se detectar algum tipo de violência associada ao Boxe (e parece claro que há ações numa luta de boxe que devem ser descritas como violentas, tais como a de desferir um soco potente no adversário), qual o tipo de avaliação que tal ação poderia receber (e porquê)? Se há algo de imoral na prática do Boxe, isto se deve a que, exatamente? Esta avaliação negativa decorreria do mero fato do Boxe conter ações violentas? Se este é o caso, esta tese geral seria estendida também a outros esportes (ao Vôlei e ao Tênis de Mesa, onde se ataca o adversário com uma “cortada violenta”?)? Se o Boxe (e outras artes marciais são condenáveis por conter ações violentas, é moralmente condenável ensiná-las para fins de autodefesa? Uma Filosofia da Violência mais finamente articulada permitirá que tais discussões sejam mais bem conduzidas, de modo a permitir que fenômenos muito complexos sejam avaliados com o grão fino que merecem. Esta proposta de comunicação, sob tal espírito, pretende apresentar um esboço de uma Filosofia da Violência e de sua aplicação à Filosofia do Esporte.

## O ideal de virilidade atlética na Atenas clássica

Fábio de Souza Lessa, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nesta comunicação, propomos discutir a construção do ideal de virilidade/masculinidade peculiar ao atleta-cidadão na Atenas clássica (séculos V e IV a.C.). No caso específico ateniense, essa formação da masculinidade nada mais é do que a constituição de um cidadão pleno; certamente o que Giuseppe Cambiano (1994) chamou de “tonar-se homem”. Fazer com que os jovens aprendessem os valores viris de forma que eles se tornassem homens, em sua total masculinidade também era de responsabilidade do *paidotribés* (responsável pelo treinamento dos jovens nas modalidades esportivas). Platão, no *Protágoras* (144), explicita tal ideia, vejamos: “... enviamos [os jovens] aos mestres de ginástica, com o objetivo de que, tendo o corpo são e robusto, possam executar melhor as ordens de um espírito varonil e são, e que a debilidade de seu temperamento não os obrigue a recusar a servir a sua *koinonía*, ...”.

Refletir sobre masculinidade/virilidade no mundo grego antigo nos remete ao conceito de *andreía*. Mesmo estando no campo das idealizações, o termo virilidade estabelece, segundo Georges Vigarello (2013, p. 11), comportamentos e ações designando, no Ocidente, as qualidades do masculino, do homem. Como virilidade implicava na formação do cidadão pleno, havia por parte dos helenos uma preocupação com o tema. Vemos tal postura em Aristófanes. Em *As Nuvens* (v. 987), ele lamenta a existência, no século V a.C., de um enfraquecimento da formação viril dos cidadãos atenienses.

Maurice Sartre (2013, p. 25 e 46), ao se dedicar ao estudo das virilidades gregas, reforça não existir *andreía* sem um profundo sentido de *agôn*, de disputa: “sempre e em toda a parte fazer melhor do que o outro”. Assim sendo, continua o helenista, o esporte se constitui em uma oportunidade de manifestar uma forma menos guerreira da *andreía*, enfatizando a beleza do corpo e as qualidades

éticas do vencedor. É exatamente ao estudo das qualidades físicas e éticas dos atletas gregos que iremos nos dedicar.

As imagens áticas pintadas em suporte cerâmico, datadas basicamente do século V a.C., serão a documentação essencial para o presente estudo. Vale ressaltar que os textos imagéticos dialogarão com os literários de diferentes gêneros.

### **O esporte como via para a sublimação de impulsos**

**Víctor** Gabriel Lucas, UNICAMP

Albert Einstein foi incumbido em 1932 pela Liga das Nações a eleger um interlocutor e discutir com ele se a agressividade destrutiva poderia ser superada. Sua escolha foi pelo psicanalista Sigmund Freud e a troca de cartas entre eles compõem um ensaio iluminado sobre as várias formas de disputas entre os seres humanos. Nessa pesquisa, analisaremos essa referência propondo nexos de inteligibilidade com os esportes, uma vez que a disputa e a rivalidade também podem ser consideradas componentes esportivos. Investigaremos ainda se a via da "sublimação", parece aplicável ao fenômeno esportivo, a partir dos escritos de Freud nessa troca de cartas e em outros trechos de sua obra.

**SESSÃO PARALELA 11**  
**02/11/2023 - 16:15 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: ODILON JOSÉ ROBLE**

**Além da linha de chegada: desvendando a identidade e representação no esporte por meio de Foucault e Bourdieu**

**Laercio de Jesus Café  
Regina Maria Rovigati Simões  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)**

O mundo do esporte é um campo onde as identidades individuais e coletivas se desdobram, onde as narrativas de sucesso e fracasso são forjadas, e onde as representações sociais se entrelaçam com a performance atlética. Dentro desse contexto complexo, as teorias de Michel Foucault e Pierre Bourdieu oferecem perspectivas inestimáveis para compreender como a identidade e a representação são construídas, normalizadas e contestadas no âmbito esportivo. Foucault, por meio da análise crítica das instituições sociais e do poder disciplinar, nos desafia a investigar profundamente como as identidades no contexto esportivo sãometiculosamente esculpidas. Para ele, a identidade não é uma entidade fixa e inerente, mas uma construção social moldada pelas forças do poder e normas sociais. Sua abordagem nos instiga a examinar como os dispositivos de poder, incluindo treinadores, mídia esportiva e regulamentos, influenciam as percepções e autoimagem dos atletas, desconstruindo o conceito de 'normal' no esporte e explorando a forma como as identidades esportivas são construídas, muitas vezes conformadas e até reprimidas pelas normas sociais no universo esportivo. Pierre Bourdieu amplia nossa compreensão da identidade ao destacar o 'habitus', a cultura e o capital cultural, influenciando diretamente o cenário esportivo. A 'cultura esportiva' no contexto esportivo en-

globais tradições, valores, normas e práticas transmitidas aos atletas, enquanto o ‘capital cultural’ reflete-se nas oportunidades de acesso a recursos educacionais, artísticos e culturais. Na prática esportiva, esses conceitos se refletem de várias maneiras, com atletas de culturas esportivas tradicionais internalizando valores distintos. A habilidade de um atleta em mobilizar seu capital cultural pode determinar seu acesso a recursos valiosos, como treinadores de elite e exposição midiática. Ao unir as teorias de Foucault e Bourdieu, exploramos interdisciplinarmente questões de identidade e representação no esporte, analisando como as narrativas esportivas são moldadas por discursos de poder. Além disso, essa perspectiva nos permite examinar como as dimensões da identidade, como gênero, raça, classe e sexualidade, se manifestam no esporte e são representadas em outras ações e veículos. A abordagem interdisciplinar de Foucault e Bourdieu nos convida a transcender os limites convencionais do entendimento esportivo. Eles nos instigam a explorar as complexidades inerentes à construção das identidades e representações no esporte, evidenciando como o poder, a cultura e o capital cultural moldam as experiências dos atletas e as narrativas esportivas. Um estudo interdisciplinar é crucial para alcançarmos uma compreensão mais profunda e crítica do esporte como um reflexo da sociedade, capaz de tanto refletir quanto desafiar as normas e expectativas sociais que permeiam nossas vidas e o universo esportivo. A análise conduz a uma compreensão da forma como a cultura esportiva e o capital cultural não apenas influenciam as identidades dos atletas, mas também direcionam suas trajetórias e oportunidades no cenário esportivo. Essa compreensão é de importância fundamental para avaliar as complexas dinâmicas sociais e culturais que permeiam o mundo do esporte, abordando questões essenciais relacionadas à inclusão, equidade e representação.

## **Holomotricidade: proposta epistemológica baseada no pensamento participativo e na consciência da inteireza universal de David J. Bohm**

**Maurício Teodoro de Souza**

**Luíz Sanches Neto**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEF-UFRN**

O movimento contínuo do pensamento participativo está acontecendo neste momento, capacitando a consciência humana para uma adequada percepção da inteireza da natureza e transcendendo a limitação do pensamento literal que separa, entre outras coisas, os tempos interno e externo (Krishnamurti; Bohm, 1995). Dessa forma, o pensar participativo significa vivenciar o pensamento como ação sistêmica de percepção dos fenômenos no tempo em que acontecem em substituição à noção de lugar, permitindo que as pessoas experimentem a dinâmica do movimento humano como manifestação da essência do movimento universal, o holomovimento (Bohm, 2007, 2008). Neste estudo, questionamos a centralidade do sujeito epistêmico, corroborando que o holomovimento sempre ocorre de modo infinito e no presente. Desse modo, não há qualquer sujeito epistêmico, porque não sou “eu” que movimento; há, sim, o movimento manifestado pela harmonia temporal entre o ser humano e a natureza, a holomotricidade. Cada movimento humano é holomotricidade, não importando as características da manifestação. A consciência da inteireza é presente no pensamento participativo, concebendo a não linearidade das ocorrências. Como exemplificação, podemos dizer que a complexidade da natureza é semelhante ao holograma. Cada movimento humano demonstra a inteireza. Cada ser humano é uno, contendo a essência da natureza e projetando-se em tudo, em todos/as, com diferenças e semelhanças ao mesmo

tempo. Todos/as são projeções do universo! O esporte e os demais movimentos corporais são manifestações da holomotricidade que podem projetar a exploração dos sentidos, proporcionando recuos epistemológicos e gerando reflexões em ondas “expansivas” de percepção dada a relação entre os elementos da holomotricidade e os níveis de consciência: solo – local; círculo – absoluta; espiral – transcidente. A exploração dos sentidos em profundidade, sustentada pelo pensamento participativo, permite a unificação dos tempos interno e externo, projetando um estado culminante capaz de (re)conectar à consciência universal. O pensar participativo é consciente do holomovimento e permite propor a holomotricidade para compreensão de cada ação humana, expressando em nível microcomplexo a inteireza indivisível e inseparável da natureza. Holomotricidade é capaz de projetar experiências, provocando adequada estimulação da percepção humana em profundidade e causando momentos de ruptura com o modelo “cartesiano”, sustentado pelo pensamento participativo em um recuo epistemológico que visa atingir a dimensão dos “não saberes” para uma exploração que permitirá acessar “novos conhecimentos” (Bohm, 2007, 2008; Krishnamurti; Bohm, 1995; Souza; Tabosa; Sanches Neto, 2022). Nesse sentido, a representação que mais nos permite visualizar o “caminhar” entre o micro e macrouniverso é o fractal. A figura ilustra o processo entre as experiências e os momentos de “não-saberes”, estimulando a auto-organização e o desenvolvimento da consciência humana. Holomotricidade é, portanto, a manifestação consciente da inteireza da natureza.

## **Entre possibilidades e alternativas: a "filosofia" do yoga aplicado na escola**

**Rúbia Cristina Duarte Garcia Dias**  
**Myrian Nunomura**  
**Universidade de São Paulo**

O Yoga pode trazer muitos benefícios para as crianças, incluindo melhoria na concentração, memória, autoestima e desempenho escolar, além de reduzir a ansiedade e o estresse de forma significativa, contribuindo com aspectos positivos acerca da saúde mental das crianças, neste caso, os sujeitos da educação infantil. Para além disso, o Yoga carrega consigo valores e condutas que podem ajudar na formação escolar, ética e filosófica dos jovens. Com base nisso, indaga-se: como o Yoga é percebido pelos seus praticantes, no interior da educação infantil, na esteira dos valores e condutas da prática? Dito isto, a pesquisa realizada pelas autoras surge como uma proposta de estudo para iluminar as percepções, impressões, sentimentos, inquietações de praticantes de Yoga aplicado na escola. Com base em referenciais da filosofia e a filosofia do Yoga, o estudo se propõe a explorar os efeitos da prática do Yoga na vida de estudantes de uma escola pública municipal do centro-oeste Brasileiro, no interior de Goiás, mais especificamente na cidade de Catalão.



**SESSÃO PARALELA 12**  
**02/11/2023 - 16:15 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: SORAIA CHUNG SAURA**

**O olimpismo de Pierre de Coubertin enquanto uma educação do carácter**

**Artur Magoga Cardozo,**  
**Grupo de Pesquisa em Educação e Violência**  
**(Pontifícia Universidade Rio Grande do Sul, PUCRS)**

O Olimpismo é uma corrente ética, pedagógica e política, que Pierre de Coubertin, pedagogo francês e idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, preconizou com vistas a propor uma reforma no sistema educacional francês de sua época. Coubertin acreditava que a educação francesa estimulava nos jovens e nas crianças apenas uma educação científica, mas que faltava uma educação e formação do caráter. Nesse sentido, o Barão de Coubertin aspirava ser o Olimpismo o ideal pedagógico esportivo capaz de cumprir essa função de aperfeiçoamento individual e de desenvolver o caráter e valores morais nos jovens e nas crianças. Para compreender tal feito, o presente trabalho analisa os escritos de Pierre de Coubertin por meio de uma chave interpretativa advinda da noção de virtude aristotélica, modelo ético da Grécia Antiga, berço dos Jogos Olímpicos da antiguidade. A partir disso, pretende-se aproximar o *ehtos* grego com a educação física proposta por Coubertin, a fim de compreender de que maneira a projeto pedagógico-esportivo do Olimpismo impacta no desenvolvimento moral do ser humano.

## **A Concepção de Jovens Atletas acerca dos Valores do Olimpismo**

**Ana Gabriela Alves Medeiros**  
**Universidade do Estado da Bahia**

Com o intuito de desenvolver a potencialidade pedagógica e axiológica do desporto, o pedagogo e historiador francês Pierre de Frédy, também conhecido por Barão de Coubertin, propôs a realização dos Jogos Olímpicos (JO) da era moderna. Para tanto, além das competições desportivas, o barão concebeu o Olimpismo, uma filosofia de vida que incorpora um arcabouço de valores mediado pela prática desportiva, cuja finalidade é maximizar as virtudes humanas. Dada a necessidade de universalização e continuidade do Movimento Olímpico (MO), uma gama de valores humanos (pretensamente) universais foram associados ao Olimpismo, de tal maneira que, em diferentes períodos históricos, diversas culturas ao redor do mundo se apropriaram dos valores Olímpicos. Recentemente, o MO inaugurou os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), planejados para disseminar o Olimpismo entre os jovens, assim como expandir a participação desportiva neste grupo. Diante disto, tivemos por objetivo, nesta pesquisa, compreender as concepções dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo. Para tanto, entrevistamos trinta e um atletas que participaram dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, nas seguintes modalidades: atletismo, tiro desportivo, natação, judô, handebol de praia, vôlei de praia, pentatlo moderno e taekwondo. Ao todo, foram realizadas 12 entrevistas em inglês, 6 em língua espanhola e as demais 13 entrevistas foram conduzidas em português. Questionamos, então, a compreensão dos atletas acerca dos valores do Olimpismo. Dos 31 atletas entrevistados, quatro deles não indicaram quais seriam os valores do Olimpismo em suas concepções. Uma das razões possíveis para isto pode estar associada a dificuldade em apreender conceitualmente os valores,

visto que em algumas entrevistas tivemos que substituir a expressão “valores do Olimpismo” por termos análogos. Em todo caso, grande parte dos jovens atletas citou um ou mais valores relativos ao Olimpismo, nomeadamente amizade, respeito, fair play, alegria, diversão, igualdade, amor ao desporto, honestidade, integridade, dedicação, excelência, justiça, disciplina, espírito desportivo, humanidade, cultura, cooperação, compromisso e perseverança. Pese embora não haja uma definição consensual sistematizada sobre o Olimpismo, considera-se que os valores a ele associados são, acima de tudo, valores humanos, contextualizados no âmbito desportivo. Assim, todos os valores declarados pelos jovens atletas encontram-se apregoados nas elaborações sobre o Olimpismo, seja no campo acadêmico ou institucional. À vista disso, os desportistas demonstraram que o Olimpismo foi compreendido e assimilado, asseverando a universalidade e abrangência da filosofia Olímpica.

## **O movimento olímpico e o imperialismo europeu: África em disputa (1894-1940)**

**Carlos Eugênio da Silva Negreiros, UFRGS e PUCRS**

Em 1896, enquanto as potências europeias recortavam o mapa da África, realizava-se a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Ao longo dos anos, à medida que o domínio europeu se expandia no continente africano, os Jogos também passavam por um processo de crescimento e consolidação no cenário esportivo mundial, em parte graças à infraestrutura política e material do sistema colonial, visto que seus principais representantes, França e Inglaterra, também patrocinavam o nascente projeto olímpico. Recriados por Charles Pierre de Frédy, Barão de Coubertin, his-

toriador e pedagogo francês, a partir de interpretações próprias sobre as culturas esportivas helênica – como os Jogos Olímpicos da Grécia antiga – e inglesa – como o Cristianismo Muscular vitoriano –, os Jogos modernos tencionavam abranger todas as nações sob a bandeira do Olimpismo, a ideologia própria do Movimento Olímpico. Defendendo o caráter moderno e universal de seu projeto, Coubertin almejava difundir os Jogos especialmente em territórios que seriam principiantes na questão do esporte moderno, mas com potencial de desenvolvimento, como a África. Entretanto, sucedia-se em fins do século XIX o auge do Imperialismo europeu nesse continente. A partir desse contexto histórico, (geo)político e sociocultural, questionamos: Qual era a visão do Movimento Olímpico em relação à África entre os anos de 1894 e 1940? Como o Olimpismo, em teoria moderno e universal, se relacionava com o Imperialismo europeu, acerca da África? A partir das obras de Coubertin e do Comitê Olímpico Internacional (COI) produzidas nesse período, apresentaremos uma abordagem da forma como o Movimento Olímpico, através do Olimpismo, buscava expandir sua influência global através da difusão de valores ligados ao esporte moderno em ascensão, o que por vezes entrava em conflito com sistema colonialista, especialmente no continente africano.

## **SESSÃO PARALELA 13**

**03/11/2023 - 10:15 - ANFITEATRO III**

**MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS**

### **On the Future of the Philosophy of Sport in Europe**

**Matija Mato Škerbić, Universidade de Zagreb, Presidente da EAPS**

In the first part, I will draw a short history of EAPS, but also the history of the presence of European philosophers within the global community of IAPS (International Association for the Philosophy of Sport) since it began in 1972. More so, I will make a state-of-the-art overview of sports philosophy (SP) in Europe.

In the second part, I will make clear depiction and differentiation of analytical and continental approach to philosophy, and emphasize distinctive features of the latter.

In my final and most extensive part, I will present a vision for the growth of EAPS and SP in European countries by creating opportunities for contribution and impact on the global scale with Europe-specific philosophical and (bio)ethical approaches and traditions: 1) promoting SP literature and research in national languages, as well as 2) translations from and to English; 3) establishing distinguished EAPS annual awards in order to recognize and promote European scholars; 4) igniting and supporting development of SP in different areas of Europe such as Germany, Italy, Greece, Turkey, East Europe etc.; 5) initiating collaborations and connections.

## **Orígenes y situación actual de la Filosofía del deporte en España -**

**José Luís Pérez Triviño,  
Universitat Pompeu Fabra, Barcelona  
Presidente ALFID**

## **Razão e Movimento: A Evolução da Filosofia do Desporto em Portugal**

**Luísa Ávila da Costa, CIFI2D FADEUP-UP  
Constantino Pereira Martins, IEF/CECH Universidade de Coimbra**

Uma língua transcende o seu complexo lexical, concedendo, na sua essência, uma forma singular de cognição. É, efetivamente, uma via do pensamento. Enquanto estrutura dinâmica que evolui e percorre o continuum temporal e espacial, a língua reflete as modalidades de existência no mundo, os atos de leitura, interpretação, abraço, construção e expressão que a conformam.

Os falantes da língua portuguesa são depositários de um poder de expressão e representação de natureza poético-filosófica, frequentemente subjugado pela austeridade académica que o debilita, e pelo historicismo, que serve de bússola segura à reflexão. O peso e a importância da língua no contexto do pensamento filosófico são inquestionáveis. Neste sentido, uma análise que se debruça sobre a trajetória do pensamento filosófico acerca do desporto em diversas línguas oferece uma ilustração concludente do papel da língua no ato de pensar, ato este moldado por formas próprias de existência no mundo e, mais profundamente, por uma cosmovisão.

Importa ressaltar que, em Portugal, a filosofia do desporto não logrou estabelecer-se como disciplina formalmente reconhecida. Não obstante, seria um equívoco - especialmente no ano de fundação da

Associação Portuguesa de Filosofia do Desporto (AFDLP) - concluir pela sua ausência, pois paradoxalmente, constata-se a existência de uma profusão de obras de cunho académico, apresentações e discussões nas áreas da ética, estética, epistemologia e axiologia desportiva. A filosofia do desporto emerge, assim, como um “mare liberum” navegável por todos e propriedade de ninguém.

Em face da predominância da questão epistemológica no âmbito da discussão filosófica sobre o desporto em Portugal, empreendemos uma investigação pelos escritos que contemplam o conceito de desporto pelas suas múltiplas dimensões. Através da triangulação metodológica entre a história, os textos e os autores, almejamos apresentar um panorama abrangente do campo da Filosofia do Desporto em Portugal, antevendo igualmente possíveis projeções futuras.

Os esforços deste trabalho identificaram duas principais linhas de abordagem que contribuíram para a configuração deste estudo: em primeiro lugar, o recorte temporal, no qual se destacam autores decisivos nas primeira e segunda metades do século XX, pioneiros nesse domínio em Portugal; posteriormente, o recorte disciplinar, em que, já no século XXI, o pensamento filosófico do desporto floresce, baseado em autores provenientes de diversas origens institucionais e de pesquisa, para além da tradição filosófica estrita. Estes autores têm dedicado atenção, sobretudo, à problematização do conceito de desporto, à natureza e ao espírito das práticas desportivas, à axiologia do desporto, à ética inerente ao fenômeno desportivo, à estética da experiência desportiva e dos desportos e ao pensamento contemporâneo sobre o desporto.

Como propósito de proporcionar uma ordem de leitura conducente à compreensão desta investigação dispersa, propomos uma estruturação capaz de unificar estes empreendimentos que residem, na sua maioria, no âmbito de investigações individuais.



**SESSÃO PARALELA 14**  
**03/11/2023 - 10:15 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: TERESA LACERDA**

**Ser-Atleta: Mundo Vivido no Esporte**

**Enoly Cristine Frazão da Silva**  
**Michele Viviene Carbinatto**  
**Universidade de São Paulo**

Ao longo dos movimentos históricos da humanidade, o corpo da pessoa com deficiência fora concebido sob diferentes perspectivas. Se exclusão, segregação ou integração, é apenas neste século que ele tem ganho notoriedade. Revelado em sua corporeidade (MERLEAU-PONTY, 2008), passa a reivindicar direitos e acesso as práticas esportivas. Treinamento para o alto rendimento, vida ativa, eventos esportivos de cunho festivo ou competitivo, expandiram-se em suas possibilidades, formas e tipos de acometimento. Dentre as alternativas, os esportes de cunho técnico-combinatório (BRASIL, 2017), ou esportes artísticos, têm acolhido a pessoa com Síndrome de Down (SD), dentre eles, a ginástica rítmica (GR) e o nado artístico (NA). Alicerçadas na pesquisa qualitativa com análise fenomenológica, entrevistamos com uso de método visual (elicitação de artefatos), duas atletas com SD pertencentes ao quadro do alto rendimento, participantes de eventos nacionais e internacionais nas respectivas áreas: GR (Raíza) e NA (Ariel). Nossas análises revelaram: a. o papel dos eventos esportivos na consolidação e reconhecimento pessoal do ser-atleta, pois foram os mundos vividos bastante evidenciados para conceber a experiência na GR e NA; b. para ambas, ser- atleta vai muito além do conhecer a técnica, sendo essa uma característica que nossas protagonistas dominam com excelência, pois falam

sobre as exigências estéticas do esporte, do quanto treinam para incorporarem os movimentos e o refinamento corporal (SURDI; KUNZ, 2010); c. Ser-atleta é se deleitar com o esforço e com o risco, entrar em um palco de possibilidades e limites (BENTO, 2004; 2007), uma vez que elas rememoraram momentos de nervosismo, de ansiedade, de coragem, de alegria, de alívio e de vitórias, com destaque para as medalhas, que ainda com forte alusão à vitória, mostraram superação do feito, e constante busca pelo Arété; d. Ser-atleta é estar consigo, com os outros e com o mundo, pois trouxeram referências dos amigos, familiares, treinadoras, árbitros e até mesmo o público, mostrando-se o relacionamento com o outro como um elo que potencializa a experiência esportiva (PEDRINELLI, *et al.*, 2012). Nossos estudos (NIGOSKY, *et al.*, 2023) advogam para a emancipação e empoderamento da pessoa com deficiência no esporte e pesquisas no campo da fenomenologia como caminhos para superação de dualismos e percepção cartesiana e maquinária de corpo como um corpo enquanto corporeidade, com potencialidades e limites e dignos do mundo vivido no esporte.

### **Passado, Presente e Futuro: contributos do modelo de homeostasia coletiva para a compreensão dos comportamentos adaptativos de equipas desportivas nos três domínios do tempo que regem o jogo**

**Ricardo Santos  
João Ribeiro  
Júlio Garganta  
CIFI2D, FADEUP**

O desporto no mais alto nível competitivo é uma marca radicalmente humana que necessita de ser refletida, compreendida no tempo e no lugar específico, com as suas diferentes particula-

ridades, sempre dependente da história, do tempo e do lugar do observador. Com isto queremos dizer que da mesma forma que ao analisarmos o desporto descobrimos mais sobre os nossos comportamentos como seres humanos, o conhecimento que temos sobre nós mesmos, como seres biológicos, também pode ajudar-nos a encontrar ferramentas para uma constante superação na dimensão do desporto. Neste sentido, será que a regulação homeostática, que foi (e continua a ser) tão importante na regulação da vida tal como a conhecemos (Damásio, 2017), poderá contribuir para uma visão diferente e enriquecedora do jogo desportivo e, consequentemente, para uma melhor preparação e desempenho dos jogadores e das equipas desportivas? Foi a partir desta premissa que foi desenvolvido o modelo de homeostasia coletiva. Este modelo conceptualiza as equipas desportivas como sistemas reguladores homeostáticos, com a capacidade de auto-organização contínua de forma a manter o funcionamento e a organização da equipa durante a performance desportiva (Santos et al., 2023). Assim, os processos colaborativos são fundamentais para o funcionamento e adaptação do sistema, exigindo que os colegas de equipa coordenem comportamentos orientados para objetivos para lidar de forma eficiente e eficaz com a dinâmica das restrições de desempenho em ambientes competitivos.

Consideramos que o jogo desportivo coletivo é um fluxo contínuo em que as equipas apresentam comportamentos em função de três domínios temporais: a) *passado* (i.e., todas as vivências e experiências dos jogadores têm influência no seu comportamento); b) *futuro* (i.e., projeções, desejos, ambições, previsões-capacidade antecipatória); c) *presente* (i.e., o jogo do “aqui” e “agora”, no qual vão convergir os diferentes comportamentos individuais em função de uma entidade coletiva). O conceito de identidade fornece um quadro comum para diferentes fenómenos temporais e, assim, a identidade coletiva será fundamental para os jogadores não se desorganizarem nos diferentes *tempos* do jogo, permitindo a sin-

tonização de comportamentos no *presente*, de forma a conferir à equipa uma capacidade de prontidão adaptativa. Aliado à perspetiva que a homeostasia coletiva proporciona sobre a dinâmica de auto-organização do desempenho nas equipas desportivas, o treino pode constituir um palco ideal para o processo transformador do “*Homo Sportivus*” (Bento, 2007), alicerçado numa identidade coletiva.

A partir deste modelo de homeostasia coletiva é nosso propósito apresentar uma reflexão sobre a gestão e coordenação dos comportamentos dos jogadores e equipas desportivas nos diferentes *tempos* que regem o jogo.

## **O movimento invisível humano**

**Valécio Senna**

**Faculdade CENSUPEG, Joinville, Santa Catarina**

A proposta teórica desenvolvida neste estudo de revisão, descripto neste documento de pesquisa, preconiza um novo paradigma de entendimento sobre o movimento humano. Uma interpretação do movimento intencional ou movimento invisível, feita através de uma explicação do comportamento motor e da compreensão das condutas motoras, relacionando com as carências pessoais e todas as dimensões humanas em conexão com valor de pessoa inserida no mundo dos valores, revelando essa intencionalidade. Entender e explicar esse corpo lutador humano atemporal como portador de valor e impregnado de cultura e de bagagem, com significância e de significado, e de pertencimento e corporiedade, de conduta motora e de uma intencionalidade operante, acumuladora de cultura motora e conhecimento até a culturização, sobretudo no que se concerne a ação motora e sua discussão na dialética pessoal, do mesmo modo

que em relação à nossa condição de presença no mundo agregado ao determinado valor da pessoa humana.

Desse modo, o estudo reivindica automaticamente um novo olhar e o trato sobre o caminho e perspectiva educacional, bem como a trajetória da educação física e as disciplinas comuns da área de humanas, daqui por diante, podendo sintonizá-las todas juntas em torno de uma única e importante temática, o “tema do Homem”. Desta maneira, segue a contribuição do estudo onde ficam registrados e esclarecidos os objetivos e o suporte teórico exposto nesse trabalho em forma de etapas, momentos e de ações, desenvolvidas e baseadas na fenomenologia e na metodologia observacional, assim como no programa metodológico citado e emparelhado aos conceitos da ciência da motricidade humana, haja vista que se entende o homem moderno com um Ser carente, cheio de privações e de vacuidades, precisando de uma intervenção qualitativa e abrangente para identificar e sanar suas reais necessidades e aflições quando procurar uma academia, clube, consultório ou escola, medicante de atendimento para transceder o problema, as carencias e as dificuldades do homem hodierno.



**SESSÃO PARALELA 15**  
**03/11/2023 - 10:15 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: ODILON JOSÉ ROBLE**

**A atividade física e desportiva e a natureza. Retornar à metáfora primeira**

**António Camilo Cunha**  
**Zenaide Galvão**  
**Universidade do Minho**

O objetivo central desta reflexão, em jeito de pequeno ensaio, foi procurar olhar para a atividade física, recreativa e desportiva e a (na) natureza como possibilidade de retornar à *totalidade que nos humaniza, retornar à metáfora primeira*. Neste contexto, a *metodologia* utilizada sai dos cânones de uma metodologia científica/empírica de investigação, convocando antes, a reflexão teórica sobre a natureza e as possibilidades que ela pode conter para que a atividade física, de lazer e desportiva. *A natureza*. Os gregos chamavam - lhe *Gaia*; o Papa Francisco chama-lhe a *Casa Comum*; algumas representações existencialistas vão olhar para Ela como um tempo e espaço existencial; como a “Casa primeira” por excelência. Podemos encontrar o sentido da vida, a dimensão espiritual, a totalidade que nos humaniza, a revelação metáfórica, entre outras. Esta tomada de consciência leva inevitavelmente a uma necessidade de a protegermos, respeitarmos e interagirmos com ela. Neste contexto, a atividade física e desportiva na natureza tem tido um grande enfoque por se mostrar como um *palco, um locus*, onde podemos recorrer, para mantermos e recuperarmos esses e outros sentidos existenciais, tais como: a nossa saúde física e mental; a nossa necessidade de vivermos juntos (convívio, participação, cidadania, política); a nossa “necessidade” lúdica - brincar, jogar,

competir, cooperar. Para o desenvolvimento deste exercício teórico convocamos *seis* patamares: *i) representações sobre a Natureza; ii) os relatos bíblicos, a mitologia grega e a modernidade - sobre a natureza; iii) temos hoje, uma relação ambígua com a natureza; iv) o medo da morte; v) o Todo como perpetuação da vida; vi) atividade física, recreativa e desportiva na natureza: retornar à totalidade/ metáfora que nos humaniza.* Consideramos que a atividade física e desportiva na natureza, para além de todas as dimensões que conhecemos, ela diz-nos que existe algo natural neste mundo, e que tudo muda. Mas uma mudança que não nos retire do humano (valores, afeto, emoção, pensamento, sentimento), pois o humano faz parte dessa totalidade infinita que se transforma sem se degenerar.

### **A noção de mundo como risco na prática da escalada**

**Bruna Gonçalves Soares  
Thabata Castelo Branco Telles  
IPMaia**

A busca pela escalada cresceu substancialmente, principalmente nos grandes centros e sua prática, bem como de outros esportes de aventura, está inserida em um ambiente que envolve incertezas. Alguns fatores e conceitos podem ser levados em consideração quando se pensa a prática de atividade de escalada: força, equilíbrio, performance, explosão, técnica, atenção, motivação e claro, noção de risco. Todos esses aspectos são importantes na manutenção de uma escalada, sendo dessa forma requisitados tanto técnica e forma, quanto leveza e delicadeza. A imprevisibilidade de manejo ambiental, levando-se em consideração tanto meio ambiente quanto circunstâncias pessoais, sociais e emocionais têm sido levantadas em alguns estudos em pesquisas do Brasil, além da diferenciação de

percepção de riscos de acordo com diversas contingências sociais (políticas, econômicas, sócio-culturais). Seja pela ideia da proximidade com a natureza, pela representação do mito do herói, da associação com a ideia de eterna juventude e ideia de risco controlado, de proximidade com a morte, estas atividades demandam habilidades para lidar com imprevistos e propiciam diversas emoções. Alguns estudos têm sido realizados no sentido de conhecer as motivações pelas quais algumas pessoas se interessam por estas determinadas práticas esportivas, problematizar e entender situações de risco e perigo a partir da percepção dos praticantes. A prática já vinha sendo lida a partir da filosofia, com o livro “Climbing, Philosophy for Everyone: Because It's There”, de Schmid (2010), com concepções de liberdade, risco, autocultivo, autossuficiência, ética e cultura, aspectos muito associados ao esporte, bem como a ideia de auto-realização. Diante disso, e a partir de uma ótica da fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/1994), nos propomos aqui a pensar sobre esses aspectos do fenômeno presentes na prática da escalada e sua relação com a leitura de mundo de quem a pratica. Para tanto, nos valemos do conceito de alteridade, a partir da relação com o outro, seja ele personificado na figura do escalador que oferece a segurança (o seg) na escalada guiada, seja enquanto leitura do mundo que o rodeia e que o constrói e o faz estar ali. Assim, o corpo, ou corporeidade, também torna-se um dos conceitos basilares tidos aqui. Baseando nos pressupostos de Merleau-Ponty (1945/1994), entendemos que o corpo está no mundo a partir da experiência do movimento, a partir da intencionalidade atribuída a ele, como expressão particular. Na prática da escalada, o mundo coloca para o corpo uma situação a ser encarada e apropriada através do movimento, apreendida pela verticalidade, pelo percepção tátil, pelo altura e percepção do espaço em que se distancia do chão, pela flexibilidade, força, técnica e atenção que exige a quem se move. Nesta situação, corpo, prazer e riscos vêm alinhados, na medida

em que há uma valorização no sentido de recompensas a partir da ascensão e proximidade de riscos.

## **O esporte como ritual de festa e lazer na várzea Amazônica: um olhar fenomenológico**

**Sylvia Souza Forsberg, Grupo Quiasma Psicologia e Movimento Humano  
Thabata Telles, IPMaia**

Em comunidades tradicionais da várzea amazônica, especialmente entre pescadores e agricultores, o esporte e o lazer se destacam como rituais que transcendem a simples recreação. Neste âmbito, o objetivo geral deste estudo foi compreender, através do corpo em movimento, o esporte e o lazer como rituais complexos e festivos em comunidades de pescadores e agricultores de um Lago de várzea Amazônico, a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. Para ele, o corpo não é apenas um objeto entre objetos, mas um corpo vivido que experimenta e é experimentado. No ato de jogar futebol ou celebrar festas comunitárias, as pessoas não estão apenas se divertindo, mas estão engajadas em uma experiência corporificada que constitui e é constituída por sua identidade e seu mundo vivido. Para alcançar esse objetivo, realizou-se um estudo etnográfico, que envolveu a observação participante e conversas informais nas comunidades. A análise dos resultados foi conduzida com ênfase nos conceitos de corpo vivido e intersubjetividade de Merleau-Ponty, visando aprofundar a compreensão das experiências vividas por essas comunidades em relação ao esporte e lazer. Através das observações, percebemos que, após longas horas de trabalho pesado na floresta e nas águas, os moradores da várzea ainda encontram tempo e energia para participarem de jogos de futebol improvisados em campos identificados como lugares de lazer. Homens, mulheres, jovens, crianças e idosos encontram alegria

no esporte, seja jogando ou torcendo. Esses momentos revelam a conexão entre famílias, amigos e a vizinhança. Além do esporte, outra forma essencial de lazer nessas comunidades é a celebração dos santos padroeiros. Essas festividades são planejadas com antecedência e toda a comunidade se une para cozinhar, preparar a igreja e o centro comunitário. À noite, comidas típicas são vendidas, e jogos de bingo agitam o lugar, oferecendo prêmios variados, como galinhas assadas, cestas de frutas, animais vivos e uma infinidade de itens que alegram a noite dos espectadores. Nestas comunidades, o corpo em ação no futebol ou nas atividades festivas torna-se uma forma de expressão e compreensão mútua. Trata-se de um aspecto intersubjetivo fundamental, em que percepções e ações de um estão entrelaçadas com as dos outros. O corpo em movimento, nesta perspectiva, consiste em um espaço onde o individual e o coletivo, o material e o espiritual, se encontram e se fundem. Tais rituais não são meramente formas de passar o tempo, mas práticas culturais complexas que atendem às necessidades sociais e emocionais da comunidade. Este entendimento pode ser crucial para formuladores de políticas públicas e pesquisadores que buscam abordagens mais inclusivas e sustentáveis para o desenvolvimento e a conservação dessas comunidades. Portanto, o esporte e o lazer nas comunidades de várzea Amazônicas não são atividades isoladas, mas parte da textura social e cultural desses grupos, e, para compreendê-los em sua complexidade, é necessário adotar uma abordagem que abranja fundamentalmente a dimensão experiencial do corpo em movimento nestas práticas.



**SESSÃO PARALELA 16**  
**03/11/2023 - 12:00 - ANFITEATRO III**  
**MODERAÇÃO: LUÍSA ÁVILA DA COSTA**

**Entre o Jogo e o jogar: a filosofia de Bernard Suits e suas contribuições para a literatura em língua portuguesa**

**Marcus Campos, KU Leuven**  
**Odilon José Roble, UNICAMP**

Na literatura em português em Educação Física encontramos, via de regra, uma indistinção entre os termos “jogar” e “jogo”. Assumindo que tal falta de distinção é muito frequente e que podemos, do ponto de vista filosófico, refletir sobre as consequências conceituais desse problema, elegemos essa premissa como central para nosso argumento. Sendo assim, responde-se à pergunta: a aparente indistinção entre jogar (*play*) e jogo (*game*), oriunda da teoria do “jogo” em língua portuguesa, pode comprometer compreensões metafísicas e axiológicas do conceito de jogo? Nossa hipótese de partida é que sim. Objetivou-se analisar a distinção entre jogar (*play*) e jogo (*game*) tal qual em Bernard Suits, em especial sua definição de jogar um jogo (*game-playing*), com vistas a localizar suas concepções metafísica e axiológica de jogo. Concluímos que a obra de Bernard Suits responde à premissa evocada, pois oferece em sua filosofia pressupostos metafísicos e axiológicos sobre o conceito de Jogo – em maiúsculo, devido à distinção deste enquanto objeto de estudo filosófico –, bem como traça suas aproximações e distanciamentos do fenômeno do jogar. Ademais, ao evidenciar a indistinção e oferecer uma filosofia sobre o Jogo, tal obra permite a análise filosófica dos fenômenos do “jogar” e “jogo” distintamen-

te, bem como propõe subsídios tanto para uma ética aplicada do esporte quanto para o valor dos jogos para a vida humana.

## **Complexidade, Desporto e Futebol**

**André Moutinho Coelho, Dream Football**

Durante mais de três séculos os paradigmas cartesiano e mecanicista governaram a visão do Mundo e, consequentemente, o desenvolvimento científico.

Todavia, e apesar do enorme desenvolvimento alcançado, o conhecimento chegou a questões impossíveis de resolver mediante as premissas desses mesmos paradigmas.

É então que surge o paradigma da complexidade.

Como fenómenos antropossociais totais que espelham a Sociedade, o Desporto e o Futebol em particular - como Desporto-Rei - não deixaram de adotar para si mesmo durante mais de um século as matrizes ideológicas dos paradigmas cartesiano e mecanicista.

Contudo, e seguindo os passos da Sociedade, hoje, o Desporto e o Futebol, devido à sua natureza intrínseca complexa, refletem crescentemente nas suas abordagens teóricas ao treino e ao jogo os desígnios do paradigma da complexidade, isto quer na sua periodização, programação e operacionalidade prática diária, quer nas (meta)modelações sistémicas autoeco-organizad(or)as teóricas que pretendem modelar, com racionalidade, o fenómeno antropossocial do treino e do jogo de Futebol, o fenómeno antropossocial do treino e do jogo desportivo.

Assim, esta revisão bibliografia dos livros de Edgar Morin “Introdução ao Pensamento Complexo”, “Reformar o pensamento - A cabeça bem feita” e “Le sport port en lui le tout de la société”, do livro de Natàlia Balagué e Carlota Torrents “Complejidad y

deporte" e dos artigos "Overview of complex systems in sport" de Natàlia Balagué, Carlota Torrents, Robert Hristovski, Keith Davids e Daniel Araújo e "Agir-Penser en complexité: Le discours de la methode de notre temps" de Jean-Louis Le Moigne o que pretende é acompanhar a viragem paradigmática do cartesianismo e do mecanicismo rumo à complexidade e dar a conhecer o paradigma do pensamento complexo e as infinitas possibilidades que abre ao treino e ao jogo de Futebol.

Desta forma, e partindo da noção do que é um paradigma, esta revisão bibliográfica começa por apresentar os paradigmas cartesiano clássico e mecanicista (sob um ponto de vista do paradigma do pensamento complexo) e quais as principais consequências da aplicação de tais paradigmas ao treino e ao jogo de Futebol.

É então que é abordada a viragem paradigmática do cartesianismo e do mecanicismo rumo à complexidade e ao desenvolvimento das ciências da complexidade, com uma breve referência às abordagens teóricas desportivas relativas ao treino e ao jogo que se identificam com o paradigma do pensamento complexo.

Seguidamente, é dado a conhecer sucintamente o paradigma da complexidade, alguns dos conceitos-chave, os princípios gerais das teorias da complexidade, os três arcos do agir-pensar em complexidade (Le Moigne) e os três princípios fundamentais do pensamento complexo (Morin).

Falando da complexidade torna-se indispensável falar de sistemas complexos e então são explanadas as diferenças entre sistemas complexos e sistemas complicados e são explicadas as noções de sistemas complexos abertos vivos autoeco-organizado(re)s, sistemas complexos adaptativos, sistemas complexos dinâmicos não lineares (e a distinção dos sistemas caóticos) e ainda de fractalidade (estruturas e dinâmicas fractais).

Por fim, são apresentadas ainda as principais contribuições e oportunidades que as ciências da complexidade oferecem ao Desporto e ao treino e ao jogo de Futebol.

## **O lúdico como elemento do esporte**

**Judson Cavalcante Bezerra**

**Petrúcia Nóbrega**

**UFRN**

No Brasil, a abordagem do jogo integrado à cultura e a crítica ao esporte moderno tecidas por Huizinga (1872-1945) no *Homo ludens* (1938) contribuíram substancialmente para o debate epistemológico no campo da Educação Física e do Esporte a partir da década de 1980. Uma interpretação corrente dessa obra ficou marcada pelas fortes críticas em torno da interface esporte e lúdico, a qual opunha esses fenômenos de maneira tal que um não poderia existir na presença do outro. Nesse cenário, o jogo e a brincadeira apresentaram-se como importantes alternativas pedagógicas e metodológicas, como alternativas inevitavelmente lúdicas, em oposição ao esporte que nada de lúdico poderia oferecer. O desdobramento desse pensamento culminou num forte movimento de repulsa a presença do esporte na escola com o argumento de que a exigência pelo alto rendimento no esporte não condizia com os valores educativos progressistas e críticos da época. Neste ensaio, apresentamos uma alternativa interpretativa aos escritos de Huizinga sobre o *Homo ludens*, buscando ancoragem nas contribuições de Merleau-Ponty (1908-1961) para esboçar uma releitura fenomenológica e estesiológica da interface esporte, jogo e lúdico. Desse modo, alçamos o lúdico a uma categoria filosófica que se expressa como um fenômeno independente do jogo e do esporte, mas que guarda com estes uma imbricada relação.

O lúdico alçado a uma categoria filosófica particular e concebido como uma expressão sensível e ontológica do corpo estesiológico, sempre encontra uma maneira de se exprimir na existência a partir das experiências vividas, nas quais o esporte não deve ser concebido como uma atividade compensatória do lúdico perdido, mas uma das principais formas de expressão do lúdico na contemporaneidade. Compreendendo o esporte enquanto mais um fenômeno no mundo sensível das experiências vividas, como nos ensina Merleau-Ponty, parece-nos mais coerente acreditar que o lúdico também pode revestir de sensibilidade o esporte e que a sua expressão conforma mais uma maneira ou estilo do que uma decadência nas formas de expressão do lúdico nas sociedades contemporâneas ocidentais. Por fim, acreditamos que as críticas ao esporte que sustentam a antítese com a expressão do lúdico não reconhecem esses fenômenos pelo viés sensível, ontológico e estesiológico que procuramos imprimir neste ensaio a partir da interpretação da experiência vivida e da releitura dos escritos de Huizinga no *Homo ludens*.



**SESSÃO PARALELA 17**  
**03/11/2023 - 12:00 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: SORAIA CHUNG SAURA**

**Propostas de reflexão sobre algumas questões éticas na lógica de Mercado aplicada ao Desporto**

**Rui Mateus Pereira, Universidade Lusófona do Porto**

Partindo de bibliografia base de referência na matéria que relaciona Ética e Desporto (vd. referências infra), o presente trabalho visa refletir sobre a penetração das lógicas de mercado no desporto de alta competição. Partindo do enquadramento filosófico proposto por Sandel (2016) e tomando como caso empírico a ideia de reformulação da Liga dos Campeões, anunciada em abril de 2021, em torno dos doze maiores clubes do futebol europeu (Stein, 2021), visa-se discutir até que ponto a penetração das lógicas de mercado no desporto de alta competição -o mais generalizadamente seguido pelos públicos a nível mundial- suscitou uma inversão de ordem axiológica que propicia a existência paralela de dois discursos que não se cruzam. A saber, de um lado, o discurso sobre valores éticos e, do outro, o discurso público predominante sobre os valores comerciais que se jogam, especialmente, na alta competição contemporânea.

Tomando dados estatísticos do site especializado *Statista* refletir-se-á como esta falha sísmica entre os apelos genéricos à observância de normas morais e éticas e a praxis da conversão do desporto em negócio e mercado, com um conjunto de indústrias a montante e a jusante da competição tem contribuído para um crescendo de virulência discursiva e, no limite, para o incremento da violência por parte de atores e públicos desportivos.

É nossa hipótese que a associação generalizada entre poder económico-financeiro e êxito competitivo normaliza uma situação básica de injustiça desportiva, acentuando a transposição para o desporto e um mal-estar societal que, integrado em situações de aumento das desigualdades e injustiças sociais, não apenas torna o desporto uma oportunidade genérica para a expressão de frustrações pessoais e sociais, como o inscreve na mesma lógica de deceção e injustiça. Em síntese, procurar-se-á sustentar como a mercantilização do desporto, no limite, contraria a própria natureza desta esfera de ação do humano, pervertendo quer os princípios de paz resultantes do espírito olímpico clássico, quer transpondo para a vivência do desporto as percepções sociais de injustiça e violência que grassam nas nossas sociedades. Esta reflexão tem em conta o facto de acontecer, precisamente, quando passam, em Portugal, 50 anos sobre a democratização iniciada a 25 de abril de 1974. Um processo que representou um impulso da prática desportiva como elemento fundamental da educação e da civilidade das populações, conforme textos da época assim o preconizavam (por todos Sérgio (2004 [1974]).

## **As contra cruzadas vistas pelo futebol: o comércio esportivo árabe no restante do planeta**

**Quefren Arsênio Rodrigues, Investigador independente**

O presente ensaio, fundamenta-se, mas não se limita, a área da literatura comparada e da filosofia, respectivamente, na perspectiva do ensaio de Amin Maalouf intitulado: *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* (1983), e também dos estudos culturais e seus fundamentos históricos, que se soma em especial a investigação da relação entre esporte e fenômenos sociais, políticos e econômicos. No que diz respeito as Formações Nacionais que se relacionam com sistemas mais amplos de

poder, procuremos tomar o futebol como o exame considerável das forças internas e através das quais abrange uma gama de associações aos processos de globalização. Numa visão geral, o objetivo seria de tentar expor e conectar acessos dessa exposição crítica realizada por Maalouf para nos acercarmos do compromisso com uma avaliação ética da sociedade moderna e do exame de suas práticas culturais e suas relações com o poder na conjuntura atual. Nesse sentido, uma vez que as obras literárias são também elementos cruciais de registros de linguagem, símbolos e conteúdos duradouros, nosso objetivo aqui é debater a relação estreita que estas produções humanas possuem com uma complexa macroestrutura social.

Por uma variedade de razões que procurarei expor, os investigadores da temática do esporte e àqueles que se dedicam a explorar questões subjacentes do entendimento geral do esporte na sociedade, não precisarão pular esse estudo. Pois, ao passo que as entranhas de uma costura maior forem expostas, o protecionismo político será encontrado a partir das tendências situacionais do futebol nos países do leste global, frutos da “modernização conservadora” nas quais estariam dadas assim as novas fases de um Paternalismo histórico, alcançadas implicitamente através do condão do poder representativo que as contratações dos jogadores da elite do futebol para os times de sua liga têm lhes conferido por efeito, da mutação da forma para um conteúdo de visibilidade geral que tirar o foco de pautas centrais e de maior impacto que esses agentes tem contraído com seus traços políticos que ultrapassam de longe os limites de uma ideia universal de justiça e liberdade individual.

Temos portanto, a contraface levada a elidir a forma típica do capital simbólico do futebol. Ao referirmos, portanto, ‘As Contra Cruzadas’ para investir nossa análise sobre o movimento expansionista do “mercado da bola” em alguns países orientais, procuramos transportar nossa investigação para os acontecimentos tidos como “promissores” para o futebol árabe, ademais, na ênfase em compreensão.

der os dramas ainda tão atuais, em matéria de incursões religiosas, militares e comerciais. Algumas reações enfáticas em um passado recente pela península arábica, apontam o contrapeso que está longe de chegar a termo, ao passo que com grande repercussão, alonga-se, a descrição que se pretende acessível a todos sobre o legado até então negligenciado pela Europa da história.

## **O racismo no futebol brasileiro: através do olhar de um negro**

**Anny Vitória Zimmermann**

**Juliana dos Santos**

**Nathalia Gomes Sens**

**Fundação Universitária Regional de Blumenau**

Como o racismo dentro de campo impacta a vida de jogadores e ex jogadores de futebol?

Existe sim, bastante racismo ainda no futebol, inclusive no futebol brasileiro, e essa pesquisa teria como objetivo principal compreender pelo que jogadores e ex-jogadores negros já passaram com o racismo no futebol. Baseado na pesquisa feita, foram tiradas informações de pesquisa qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas, com tudo as questões propiciaram maior liberdade de resposta para os entrevistados. Este entendimento, a partir dos olhares desses jogadores e ex/jogadores negros que sofreram o racismo, foi um problema, e para isso foi necessária a construção de um referencial teórico, que se iniciou pelos conceitos de biopoder (FOUCAULT, 2008) e de necropolítica (MBEMBE, 2016), adentrando no âmbito do racismo e de seus elementos: preconceito e discriminação. Com tudo para essas pesquisa, concluímos que os jogadores e ex-jogadores negros, que já sofreram, reconhecem o racismo sofrido tanto dentro do campo como fora do campo, mas muitas vezes acabam deixando passar

batido, e não tentam amenizar as questões que o envolvem, sendo assim a melhor opção de defesa em relação a tudo já passado ao longo da vida com o racismo. Porem estes atos racistas dentro de campo, transita entre o entendimento de que essa ação visa a desestabilização do jogador e a compreensão de que é uma violência racial oriunda de pessoas racistas. Por fim, com base num certo receio demonstrado pelos jogadores, ao abordarem o tema racial, considera-se também a relevância das discussões das pautas raciais em todos os setores da sociedade a fim de conscientizar brancos e negros para o enfrentamento ao racismo.

Concluímos que, apesar de alguns atletas colocarem em mídia que sofrem o que sofreram algum tipo de racismo dentro do futebol, a maioria dos atletas não colocam em mídia, e acabam deixando de lado, um assunto sério que poderia ter repercutido por um bem maior e por ventura melhorar, e acabar de vez com isto.

## O futebol pós-profissional

**Vinicius Falcão Oliveira Carneiro**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

Esta exposição tem a pretensão de apresentar o argumento central da tese que estou escrevendo sobre o futebol, mais particularmente sobre o aspecto trágico do futebol. O conceito central para tanto é o que denomino o “pós-profissional”, para compreendê-lo, entretanto, faz-se necessária uma digressão para apresentar três momentos anteriores. O primeiro é o “corte epistemológico” do objeto (a saber, o futebol): é sabido que desde tempos imemoriáveis, antes da “era comum”, inclusive, existem práticas humanas onde a bola é chutada (e em alguns deles lançam com as mãos) em uma disputa de dois grupos contrários. Minha pesquisa, porém, não abarca todos estes

fenômenos culturais, mas apenas aquilo especificamente capaz de ser denominado futebol, ou seja, aquele jogo cujas regras foram definidas na Inglaterra em 1863 (embora a investigação possa, eventualmente, retroceder, mas sempre no sentido de entender este específico jogo). Não se trata, porém, de uma escolha aleatória, “o futebol de 1863” é esporte e as práticas onde o pé (e, eventualmente, a mão) entra em contato com a bola, anteriores a ele são ritos – o esporte é marcado por uma igualdade inicial (das condições) que, no final, encontrará uma desigualdade (o vencedor e o vencido, o ganhador e o perdedor) e no rito, ao contrário, há uma desigualdade inicial e as ações visam uma igualdade no fim. O segundo momento é o marco do “amadorismo” no futebol, nele é possível perceber a impressão de um caráter aristocrático, “solar” (apolíneo) no futebol. O terceiro momento é o profissionalismo: nele o “povo”, excluído do esporte pelos aristocratas, invade os campos de futebol. Estes três momentos nada mais são que recortes meramente históricos, é o que vem depois do profissionalismo (o “pós-profissionalismo”) aquilo propriamente inovador em minha tese – o que marca o “pós-profissionalismo” é uma completa fusão do futebol à economia de mercado capitalista, é a difusão da teletransmissão, o advento dos “anunciantes” na camisa, a uniformização arquitetônica dos estádios, do tamanho e tipo dos gramados e até mesmo o ganho mais amplo em perspectiva (fruto da imagem televisiva) que permite a difusão da análise abstrata da tática em detrimento do enfoque no jogador, no lance, no drible, em cada momento como único, contendo uma beleza irrepetível. Por fim, mas não menos importante, a pesquisa a ser apresentada tem o desafio de centrar sua perspectiva no jogo, no “campo-e-bola”, os demais aspectos não são ignorados, mas pensados a partir do jogo – em contraposição a uma tendência (ao menos no Brasil) de pensar o futebol centrando a perspectiva em seus “fenômenos laterais” (a torcida, o mercado, a violência, os aspectos de integração e exclusão, o racismo, o machismo, etc).

## **SESSÃO PARALELA 18**

**03/11/2023 - 12:00 - SALA DFCI**

**MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS**

### **O contributo fenomenológico na análise micro-histórica do surf português**

**João Moraes Rocha, Primeiro autor da história do surf em Portugal**

### **Deslize como "travelling" cinematográfico**

**Tiago Cravidão, Universidade NOVA de Lisboa**

Este texto começa por propor uma aproximação fenomenológica do “travelling” cinematográfico ao deslize do surf para, de seguida, articular ambas as experiências em torno do conceito de “Umwelt” de Jakob von Uexküll. Num passo seguinte, e para sustentar aquela proximidade, o texto estabelece um sincronismo crítico entre a evolução do surf e do cinema, perspectivado aquele pelo ponto de vista de uma progressiva fragmentação quer da unidade dos planos, quer do deslize nas ondas, verificando, neste sentido, a coincidência histórica entre a montagem transparente do cinema clássico com a fluidez do surf praticado com pranchas de apenas uma quilha.

Hoje a prática competitiva do surf expressa uma montagem sequencial de movimentos e truques: uma “découpage” que fragmenta o deslize linear sobre a superfície da onda, e que pela sua vagueza, pela dificuldade em ser avaliado num “score”, é demasiado impreciso para ser fundamento de vitórias e derrotas. Ora, no cinema, os “travellings” / planos sequência expressam essa impressão

de deriva, sendo nesse sentido que se convoca o filme “D'est” de Chantal Ackerman de forma a explorar a proposta de os dispositivos cinematográficos do “travelling” e do plano sequência como declinação no cinema de uma certa experiência de “flow” típica dos desportos de deslize, e em especial da prática do surf praticado em pranchas “single fin”: apresentando como exemplo o surf que o festival “Gliding Barnacles” procura promover.

### **Skateboard: manobras que unem ética e estética**

**Mário Alberto Bergo Marsola  
Soraia Chung Saura  
Ana Cristina Zimmerman  
PULA, Univ. de São Paulo**

O skate é uma prática corporal que, em sua origem, se distancia do conceito estrito de esporte e dialoga intensamente com a arte. Essa aproximação se deve à ênfase no elemento criativo na relação com o ambiente e na elaboração de manobras e truques. Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma conexão entre os aspectos éticos e estéticos do skate a partir do diálogo estabelecido entre os skatistas, os equipamentos e o meio ambiente. No início da era do skate a criatividade acontecia na criação de novas manobras e formas de interação do corpo com o equipamento. Atualmente o repertório de truques é extenso, mas a interação com o ambiente ainda proporciona um rico horizonte de novas possibilidades. Alguns skatistas se consideram artistas pelo apreço técnico e pela complexidade na execução de manobras e interações com o ambiente. O skatista vê uma beleza técnica e complexa por trás da beleza visual plástica. As manobras chamam a atenção e surpreendem não só os praticantes, mas também os espectadores. Isso acontece rompendo o padrão do que está no chão, lembrando o elemento terra, e passando

para o elemento ar, de forma inesperada e incompreensível para o espectador. Assim, a noção de beleza associada ao andar de skate bem executado se desenvolve a partir do repertório de técnicas e da adaptabilidade ao ambiente. Nas diversas modalidades de skate – do street ao freestyle, do longboard aos halfpipes e bowls – a valorização se dá de forma ampla considerando como o skatista se conecta com o equipamento e o utiliza como uma extensão de si mesmo na relação com o meio ambiente. As interações desse relacionamento com o ambiente circundante destacam a conectividade que deve ser observada com atenção. Este trabalho demonstra que essa conexão com o meio ambiente se dá como forma de diálogo e proporciona a possibilidade de pensar a ética de suas relações. Por outro lado, a possibilidade de identificar a beleza vai além dos elementos técnicos presentes nas manobras. Assim, o skate também reconfigura a noção de esporte, seja na criatividade de suas manobras ou apenas no deslizamento, sentindo o atrito das rodas no chão durante uma curva.



## SESSÃO PARALELA 19

03/11/2023 - 14:30 - ANFITEATRO III

MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS

### O que pode o kata? Investigação de possibilidades no karate

Fabio Augusto Pucineli  
Carlos José Martins  
Unesp Rio Claro

Este trabalho tem como objetivo problematizar possibilidades de agenciamentos e experimentações na prática dos kata, no karate. Em sua Ética, Spinoza lançou a clássica pergunta “o que pode o corpo?”. Inspirando-me na questão, proponho: “o que pode o *kata*?”; como fazer da constante e regular prática desse conjunto de movimentos uma ética de cuidado?

Como são sequências já determinadas, o que se faz é imitar e repetir insistente, não só numa mesma sessão de treino, mas em todo o percurso de prática durante a vida. Ou seja, enquanto alguém fizer karate, estará praticando *kata*. Pois o que levaria uma pessoa a repetir as mesmas sequências de movimentos por anos, ou mesmo por toda sua existência?

Esta pesquisa se vale da coleta de dados realizada em Okinawa, Japão, durante o curso Promoção do Karate Tradicional de Okinawa como Patrimônio Cultural e Imaterial da Unesco, promovido pela *Japanese International Cooperation Agency*, em parceria com a *International Goju-ryu Karate-do Federation*, atual *Traditional Goju-ryu Karate-do Federation*, entre 10 de janeiro a 24 de fevereiro de 2023.

Através de registros em diário de campo, busquei estabelecer semelhanças e diferenças entre a prática de *kata* em dois importantes

locais para o karate: *Goju-ryu Higaonna Dojo* (GHD), que sediava o curso; e *Shorin-ryu Shidokan Musei Juku* (SSMJ), que já frequento desde 2009, quando da minha primeira visita à ilha. GHD tem como principal representante Morio Higaonna, 10º *dan*. À frente da SSMJ está Morinobu Maeshiro, também graduação máxima.

O que há de muito semelhante em ambos os *dojo* é justamente algo que também os diferencia: a imitação e a repetição. Maeshiro *sensei*, por exemplo, propõe os mesmos exercícios em todos os encontros. A pessoa assimila corporalmente a gestualidade na medida em que, com regularidade, reproduz os movimentos dos praticantes mais experientes. Os diversos períodos de intervalo propostos pelo mestre, no decorrer das duas horas de prática, são convites para que as pessoas pratiquem sozinhas, possam receber ajuda de colegas, ou mesmo simplesmente observem os acontecimentos naquele espaço-tempo.

“Enquanto há consciência na execução, ainda não é *kata*”, afirmou Higaonna *sensei*. Ou seja, enquanto a pessoa ainda pensa em qual será o próximo movimento, por exemplo, a sequência que ela executa, a rigor, não se caracteriza como um *kata*, segundo o mestre. Para que isso aconteça, se faz necessária sistemática repetição. Durante o curso, o mesmo *kata* era repetido diversas vezes por horas seguidas.

Em diferentes ocasiões, senti que essa recorrência nas execuções levava-me para um estado de suspensão do eu. Sentia que não era eu quem fazia o *kata*; mas era o *kata* que me conduzia. Em resumo, a prática dos *kata* é diferente nos dois *dojo*, mas aponta convergentes semelhanças quanto ao entendimento destes como indicadores de possibilidades corporais, não somente combativas, mas de cuidados constantes das composições da história do karate, que se presentifica, atualizando-se no corpo daquele que os executa.

## **Karate e "Filosofia": entre rituais e tradições**

**Marcelo Alberto de Oliveira**

**Soraia Chung Saura**

**Ana Cristina Zimmermann**

**Universidade de São Paulo**

Com a introdução do Karate no Japão Continental e na sequência sendo espalhado pelo mundo, a consolidação de narrativas e rituais particulares dessa prática se tornaram cada vez mais importantes. Isso criou as condições para a difusão de distintas tradições e hábitos culturais associados à prática do Karate. Observa-se a necessidade de se compreender como essas tradições são percebidas, sentidas, e vivenciadas pelo praticante de Karate. Portanto, indaga-se: como as tradições do Karate são compreendidas pelos seus praticantes? Desse modo, o objetivo do presente artigo é explorar o tema da tradição no Karate a partir da percepção dos próprios praticantes dessa modalidade. Procurou-se identificar em relatos de praticantes de Karate como compreendem a tradição nessa prática. A metodologia apresenta dados e discussões elaborados a partir de uma pesquisa descritiva e exploratória, explorando especialmente o tema da tradição, sob a perspectiva filosófica da fenomenologia. A pesquisa incluiu observações de aulas de Karate, registradas em um diário de campo, e entrevistas com praticantes. Constatou-se que a história do Karate é permeada por elementos, não raro, milenares, míticos e ritualísticos que remontam a um passado apoiado na tradição oral. Verificou-se que os entrevistados associavam as tradições a normas de conduta, valores, relações interpessoais ativas e rituais. A partir do diálogo com o referencial da fenomenologia é possível sustentar que a tradição está ancorada nas relações corporais que se reconstroem cotidianamente nos treinos. Muitos praticantes referem-se a uma filosofia do Karate ("filosofia" entendida aqui como uma forma de se relacionar com o mundo, ou seja, distanciada de termos

convencionais), que está incorporada em determinados rituais no espaço do dojo, tais como: tirar o calçado; seguir a disposição e o ordenamento para as saudações; cumprimentos diante do dojo, das fotos dos mestres e entre os praticantes; recitação dos lemas do Karate; execução do *mokuso* (momento meditativo); cuidados como conversas paralelas, mãos na cintura ou braços cruzados na frente dos graduados etc. O dojo foi identificado como um recinto de rituais. Esse lugar para o praticante de Karate seria um espaço paralelo, do qual se deixam para fora as preocupações mundanas. Em outras palavras, ajuda a afastar problemas profissionais, familiares, financeiros, entre outros. Essa noção de espaço peculiar permite uma maior entrega à prática da modalidade. Essa entrega indica uma experiência intensa entre os praticantes e com o meio na elaboração do tempo e do espaço, associados ao Karate. Concluiu-se que as tradições podem sofrer transformações ou mesmo desaparecer de acordo com a forma com que permanece sendo praticado – suas representações também podem variar, dado que a percepção do *karateka* indica uma perspectiva que não é universal. Assim, o significado se torna, muitas vezes, ambíguo e é o que a torna constitutiva da existência. Dito de outro modo, a perfeição ou a homogeneidade não são elementos constitutivos do fazer e ser, mas sim, a ambiguidade e a heterogeneidade das formas e percepções. Por fim, a relação do corpo com o ambiente apresentou-se como parte da construção do hábito e da manutenção de uma tradição.

## Influências taoístas na prática do karate-do

Tiago Oviedo Frosi  
Leandro Carlos Mazzei  
UNICAMP

Praticar respeitando o princípio da Naturalidade (*Shizen*) é uma ideia presente em todas as formas de *Budo* (arte marcial japonesa). *Shizen* tem origem em desenvolvimentos culturais da antiga China. As ideias que compõe *Shizen* estão registradas no Clássico do Caminho e da Virtude de Laozi (*Dao De Jing*), o livro central da tradição taoísta, e foram exportadas ao Japão por volta do Século VI ou VII. *Shizen* é um estado de equilíbrio e de estabilidade. O desequilíbrio afetaria tanto o mundo quanto o ser humano, que fazem parte do mesmo continuum. Essa visão de mundo vai influenciar muitos desenvolvimentos posteriores, como o Taoísmo, por volta do século II. Juntamente de práticas de auto cultivo e adivinhação, o Taoísmo cria profundas raízes no Japão ao introduzir naquela nação um conjunto de representações que perduram até hoje na visão de mundo nipônica. Esses conceitos impregnam a cultura japonesa, incluindo a religião nativa do Japão, e as práticas marciais que posteriormente se tornam *Budo*. O objetivo desse estudo é, portanto, compreender o que é o *Shizen* conforme os registros históricos e as confluências desse pensamento clássico com suas manifestações em tempos recentes, através dos relatos coletados de mestres de *Karate* de destaque internacional. Neste estudo histórico estaremos analisando documentos e falas de mestres coletadas recentemente em entrevistas. As falas selecionadas são atribuídas a três mestres de *Karate* de destaque internacional. As fontes históricas foram analisadas à luz da História Cultural e passaram pela Análise de Conteúdo para melhor interpretação histórica dos dados prospectados. O *Dao De Jing* apresenta cinco ocorrências de menções e explicações de

*Shizen*. No Judô e no *Karate* há movimentos referenciando *Shizen*. Nos documentos também há incontáveis menções a *Shizen*, como a mentalidade ideal a ser cultivada durante o treinamento marcial. Da mesma forma, encontramos nas falas dos mestres a ênfase em buscar a realização do treinamento em um estado de equilíbrio e Naturalidade. Identificamos inclusive o que seria *Shizen* em relação à frequência cardíaca, frequência respiratória, sensação de esforço e gasto energético durante o treino. Neste caso, o técnico relata a apropriação do conceito de *Shizen* em um contexto de esporte de alto rendimento. Percebemos que o princípio de *Shizen* está presente no imaginário de diferentes gerações de *karateka*, moldando os treinamentos à representações oriundas de formulações culturais com milhares de anos. Trata-se não apenas de uma evidência clara dos processos de racionalização e ritualização das práticas de luta, como também evidência da apropriação e mesmo da reinvenção das tradições do *Budo*. A compreensão desses processos pode auxiliar muito o ensino das artes marciais japonesas, evitando distorções e o esvaziamento de significados da historicidade dessas práticas.

**SESSÃO PARALELA 20**  
**03/11/2023 - 14:30 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: LUÍSA ÁVILA DA COSTA**

**Praticando esportes por motivos estéticos**

**Jean Machado Senhorinho, Universidade Federal de Santa Catarina**

O que nos leva a praticar esportes? De forma quase automática, nós poderíamos evocar as tão faladas buscas por saúde, amizade, competição, dinheiro e, é claro, diversão. Contudo, esses motivos são ainda genéricos, sendo aplicáveis a uma variedade de práticas humanas. Alternativamente, a proposta deste trabalho é que a busca por experiências estéticas *sui generis* pode nos motivar a praticar esportes em particular. Por exemplo, a experiência de praticar tênis de mesa não é a mesma de praticar voleibol; cada uma delas nos oferece um rol de singularidades estéticas – tátteis, visuais, proprioceptivas – que podem nos atrair mais ou menos para elas. Assim, podemos entender que a nossa preferência intrínseca por um conjunto de modalidades ou por uma modalidade esportiva qualquer – dinheiro, medalhas e outras externalidades à parte – é esteticamente motivada. Nessa preferência, há um reconhecimento tácito de valiosidade estética. Isso é expresso, muitas vezes, quando nos engajamos na valorização e no aperfeiçoamento de certos gestos ou movimentos esportivos em um sentido estético-funcional. Nós buscamos, por exemplo, performar aqueles movimentos elegantes, velozes, sutis ou potentes que revelam eficiência esportiva ao passo que encantam os nossos sentidos. Esta proposta é inspirada pela *Everyday Aesthetics* (2007), de Yuriko Saito. De modo consonante, emprega-se um conceito alargado de “estético”, que passa a compreender todas as nossas reações perante as qualidades sensuais

e/ou de design de qualquer objeto, ser, fenômeno ou atividade. Ainda nessa linha, não se considera necessário reivindicar o status dos esportes como arte, a fim de que lhes seja garantida uma maior relevância estética.

## **"É que vale a pena, vale o risco": um ensaio sobre liberdade e vulnerabilidade no corpo em movimento**

**Thabata Castelo Branco Telles, IPMaia**

Este trabalho busca discutir a questão da liberdade e da vulnerabilidade no corpo em movimento à luz da fenomenologia merleau-pontiana. Tais noções comportam a ideia de um corpo em determinada situação e em relação indissociável com o mundo e com o outro. O corpo em movimento é aqui considerado no entrelaçamento corpo-mente-mundo. Trata-se de uma importante apropriação espaço-temporal integrada a determinado ambiente. Neste sentido, a liberdade no corpo em movimento não se dá de modo pleno, mas engajada e compreendida em campo de possibilidades. Trata-se de uma liberdade que se dá em contingências, ligadas a circunstâncias históricas, sociais, culturais, fisiológicas, biomecânicas, etc. Ela, portanto, não é pura e se mostra no esgarçamento dos fios que tecem o contexto no qual o corpo se move. Assumindo a proposta da consciência intencional cara à fenomenologia, tem-se que esta noção de liberdade em condição apresenta-se sob forma de estar-se livre de algo ou de alguma coisa. Se a consciência está sempre dirigida a algo, o exercício da liberdade mostra-se através de formas de posicionamento em um mundo, e não de escolhas soltas. Agimos, neste sentido, em situações sobre as quais não temos controle, pois não as escolhemos inteiramente e nas quais, por conseguinte, experienciamos vulnerabilidade por estarmos diante

de um risco, pois não sabemos o que está por vir. Por outro lado, a liberdade no corpo em movimento se apresenta na aceitação radical desta condição e na entrega ao imprevisível, em que nos engajamos e nos responsabilizamos dentro dos possíveis. Visamos algo enquanto horizonte intencional mas cuja concretização alia-se à imprevisibilidade. Considera-se, neste âmbito do impremeditado, o entrelaçamento com o mundo e também com o outro na experiência da alteridade. Temos noção do ponto de partida em uma situação que foi percebida corporalmente, intencionamos algo, mas não podemos prever inteiramente aonde e nem como vamos chegar. O corpo se move em incertezas. A liberdade no corpo em movimento implica poder, especialmente ao buscar transcender uma situação que não se escolheu inteiramente; e, ainda, poder dar a tal situação um sentido novo. A vulnerabilidade, portanto, não é aspecto acessório no corpo em movimento, mas é sua condição. Não há liberdade sem movimento e não há movimento sem risco.

## **Da conjunção de categorias estéticas na compreensão do valor estético do desporto: acerca de imprevisibilidade e superação**

**Teresa Oliveira Lacerda, CIF12D FADEUP-UP**

No presente estudo reflecte-se acerca do valor estético do desporto, procurando conquistar densidade e aprofundamento na interpretação de categorias estéticas, com base no argumento de que estas categorias são experienciadas na dupla potencialidade de *qualidades dos objectos* e das nossas *respostas a esses objectos* (Eco, 1995). As categorias em análise são a imprevisibilidade e a superação. O propósito do ensaio foi conjugar superação com im-

previsibilidade, procurando iluminar o poder desta conjunção na compreensão do valor estético do desporto.

Exceder o expectável, ir além do limite redefinindo novos limites, arriscar na conquista duma marca ou na criação dum record, procurar a excepcionalidade, tudo faz parte da busca pela superação no desporto, o que contribui para a configuração do seu valor estético. Quando isto é conseguido de forma inesperada, usando a antecipação, a surpresa, impondo a diferença e a variabilidade, identificando ou criando uma *zona de fuga* que permite desconstruir a intenção adversária ou criar um momento de ruptura face aos constrangimentos impostos pela estrutura interna de cada desporto, a performance é marcada pela imprevisibilidade, que constitui claramente um dos aspectos essenciais do poder de atracção do desporto e do seu valor estético.

É certo que a imprevisibilidade não conduz forçosamente à superação, nem a superação convoca inevitavelmente a imprevisibilidade, embora pareça que em determinadas circunstâncias a imprevisibilidade se impõe quase como um atrator da superação, em particular nos desportos de oposição (Kupfer, 1988), que, como afirmam alguns autores (Kuntz, 1988; Kitchin, s/d cit. por Best, 1988), não possuem guião, pelo que o desenvolvimento e o desfecho do desafio nunca se podem prever antecipadamente (e.g. jogos desportivos colectivos, ténis, esgrima, desportos de combate). Neste sentido, enfatiza-se a importância do ‘processo’ na apreciação estética do desporto, concedendo uma atenção especial às múltiplas possibilidades que o integram, em particular aos momentos de sinalização entre imprevisibilidade e superação.

**SESSÃO PARALELA 21**  
**03/11/2023 - 14:30 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: ANA ZIMMERMAN**

**Os usos do conceito de espírito esportivo no Brasil: primeiros passos para a filosofia do esporte**

**Allan Victor Zampola Antonio**  
**Grupo de Pesquisa em Filosofia e Estética do Movimento (GPFEM), UNICAMP**

A filosofia do esporte é um campo de estudos recente na área de Educação Física e esporte e tem como intuito compreender os aspectos que envolvem o fenômeno esportivo, considerando-o como uma manifestação singular, surgindo a necessidade de compreendê-lo a partir de seus princípios internos. O espírito esportivo (sportsmanship) é uma temática constituinte do fenômeno esportivo pouco explorada no contexto acadêmico brasileiro, apesar de ser um importante tópico para a subárea da filosofia do esporte, incorporado na dimensão da ética esportiva. Assim, o presente estudo buscou compreender os usos do conceito de espírito esportivo no Brasil para, posteriormente, associá-los aos estudos produzidos internacionalmente. Para alcançar os objetivos foi utilizada como metodologia a revisão narrativa, buscando, de forma ampla, produções acadêmicas que fazem menção ao espírito esportivo, para compreender o desenvolvimento dessa terminologia no Brasil. Essa busca por estudos se desenvolveu em todos os campos teóricos, visto que a filosofia do esporte está em fase de desenvolvimento e instauração no país. Ademais, como ponto de partida, em uma etapa inicial da vigente pesquisa, identificou-se que o termo “espírito esportivo”, por vezes, se assemelha ao fair play. Desse modo, considerou-se produções associadas tanto ao espírito esportivo quanto ao fair play, visando compreender seus usos e conceitos. Com

isso, buscou-se mapear as produções nacionais, observando as lacunas científicas presentes que possam ser, futuramente, preenchidas pelo arcabouço teórico da filosofia do esporte.

## **A Ética Aplicada ao Desporto – A importância da Bandeira da Ética**

**José Carlos Novais Lima**

**Coordenador Plano Nacional Ética do Desporto em Portugal**

A filosofia moral tem como finalidade promover a reflexão sobre o sentido e a viabilidade das nossas ações, sob orientação dos princípios da ética. Isto é, por um lado, saber se as ações são boas, nos realizam, promovem o bem comum e nos conduzem a uma “vida boa” ou, pelo contrário, são más, limitando a nossa realização e o bem comum. Ao longo do tempo esta reflexão ética foi dinamizada através diferentes “olhares e matizes” dando origem a diferentes classificações, como a ética das virtudes, bens, fins, formal, dever, utilitarista, material (...). Nas duas últimas décadas desta reflexão surge uma outra categoria denominada “ética aplicada”. Trata-se de definir e delimitar a reflexão epistemológica da ética a um campo específico da atividade humana. Aparecem, assim, as éticas aplicadas à medicina, economia, psicologia, às ciências sociais, ao jornalismo e também ao desporto. É sobre esta última que, numa primeira fase, desejamos ponderar se faz sentido ou se há fundamento para uma ética aplicada ao desporto. Se o desporto tem um conjunto de bens intrínsecos que lhe permitem esta delimitação do objeto de reflexão, por parte da ética. Já numa segunda fase procuraremos demonstrar como o processo de certificação da “Bandeira da Ética” é um modelo prático e virtuoso para a implementação de uma ética aplicada ao desporto, por parte de instituições, clubes, municípios ou escolas.

## É o cartão branco uma ferramenta de educação moral?

Rafael Mendoza, Università degli Studi di Roma “Foro Italico”

Nos últimos anos, várias iniciativas visando promover o fair play em competições esportivas surgiram em diferentes organizações esportivas. Notavelmente, em Portugal, a iniciativa do ‘cartão branco’ ganhou enorme popularidade entre diversas instituições esportivas. Ao contrário dos tradicionais cartões vermelhos e amarelos emitidos pelos árbitros em diversos esportes, o cartão branco, também conhecido como cartão fair play, serve a um propósito educacional. Seu principal objetivo é instilar atitudes de “bom comportamento” e fair play ao reconhecer comportamentos éticos relevantes exibidos durante as competições. Esta iniciativa é promovida principalmente pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, por meio do Plano Nacional de Ética no Desporto. A instituição afirma que o cartão branco serve como um recurso pedagógico para reconhecer comportamentos éticos no esporte que promovem uma cultura de fair play e conduta ética. Os defensores da iniciativa também afirmam que o cartão pode contribuir nela redução de incidentes disciplinares, cultivar ambientes esportivos positivos e elevar o papel do árbitro além de ser apenas alguém que penaliza, para alguém que também elogia e incentiva o espírito esportivo. Este artigo analisa essa iniciativa e argumenta que, embora o cartão branco possa de fato contribuir para preservar o fair play durante as competições esportivas, não deve ser automaticamente considerado uma ferramenta que aprimora o desenvolvimento moral. O artigo não argumenta contra o incentivo ao fair play nem ao bom comportamento, mas sim contra as maneiras como esses são promovidos, e sustenta que o uso de incentivos externos para encorajar o bom comportamento não promove uma verdadeira educação moral. A conclusão é que a

verdadeira educação esportiva implica em se envolver no esporte pelo próprio esporte e não por recompensas externas.

## **SESSÃO PARALELA 22**

**03/11/2023 - 16:15 - ANFITEATRO III**

**MODERAÇÃO: CONSTANTINO PEREIRA MARTINS**

### **A magia da Arte Suave para mulheres: a relação paradoxal entre o fascínio e as dores**

**Luciana Giancristoforo**

**Soraia Chung Saura**

**Ana Cristina Zimmermann**

**Universidade de São Paulo**

Em 2023, foi registrado uma grande ascensão do jiu-jitsu feminino, no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu da Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ), segundo o site de notícias Flograppling. Entretanto, dado contexto histórico de exclusão de mulheres, corroborado pelo decreto-lei de nº 3.199, de 1941, a hegemonia masculina ainda se faz dominante no jiu-jitsu, ainda que esta lei tenha sido revogada em 1979. Para o International Olympic Committee (IOC, 2021), a desigualdade de gênero no esporte pode causar impactos no acesso (a iniciação no jiu-jitsu), no engajamento (na aderência ao jiu-jitsu, rumo à faixa preta), na valorização (o jiu-jitsu como profissão) e no reconhecimento (na visibilidade na mídia) da mulher. Pensando nesse abismo que separa o homem da mulher no jiu-jitsu, esta pesquisa buscou compreender a experiência feminina na arte suave, identificando as recorrências e atravessamentos encontrados nas entrevistas realizadas com lutadoras, sobre o que atrai as mulheres à prática (fascínios), e também suas dores. Para tal, a pesquisa utilizou-se da análise fenomenológica bachelardiana, com o observar atento, a descrição minuciosa e análise indutiva dos dados (Saura e Meirelles, 2015), em uma pesquisa qualitativa, dia-

logando especialmente com a Filosofia do Esporte. Segundo Saura e Zimmermann (2021), quando coletivizamos nossas percepções, encontramos atravessamentos e subjetividades expandidas. Neste campo de assunto, a área fenomenológica nos auxilia a investigar a experiência vivida e corporal, buscando revelar os significados contidos nos depoimentos pessoais de 5 (cinco) entrevistadas. Esta pesquisa leva em consideração, também, a experiência pessoal de uma das pesquisadoras como professora faixa-preta com 32 anos de experiência na arte suave. Busca-se assim trazer um olhar detalhado sobre traços particulares e significativos do uso do corpo entre praticantes mulheres, no entrecruzamento com os depoimentos das entrevistadas. Durante a iniciação no jiu-jitsu, as recorrências encontradas nas três entrevistas, se referem a péssima imagem que o jiu-jitsu tinha na época que iniciaram, e as situações de preconceito, assédio sexual e moral que elas vivenciaram nas academias. Outra recorrência foi com relação às dores e lesões. A prática do jiu-jitsu, no que tange a experiência de corpos, pode proporcionar sensações incomuns, e a artista marcial é obrigada a conviver com a dor, o desgaste físico, as contusões – e a ter que superá-los. Gonçalves et al (2012), afirma que esse processo de cuidar e maltratar o corpo estão entrelaçados, e cita Horkheimer e Adorno (1997), onde “não é estranho que nasça um sentimento de amor-ódio pelo corpo, criando um paradoxo”. Mesmo exigindo sacrifícios imensos ao corpo da pessoa que luta, o jiu-jitsu provoca uma magia, um tipo de relação de ligação profundamente complexa das praticantes com a luta em si e com todo o ambiente da luta. Essa magia relatada está ligada ao fato do jiu-jitsu ser um conjunto de técnicas baseado num sistema de alavancas que permite que pessoas de diferentes tipos de corpos consigam se sobressair, independente de seu peso, altura ou força muscular, se tornando perfeito e apaixonante para mulheres.

## **A perspectiva de mestre(a)s sobre experiências disruptivas de praticantes durante práticas de combate**

**Maria Gabriela dos Santos  
Cristiano Roque Antunes Barreira  
Universidade de São Paulo**

Para praticantes, professores e pesquisadores de Artes Marciais e Esportes de Combate(AM&EC) é relevante frisar uma singularidade destas modalidades em relação a outras, a qual é de interesse direto no campo filosófico da Ética e da Psicologia do Esporte: são as manifestações culturais de movimento que, devido à sua similaridade com o ato violento, estão mais sujeitas a se distorcerem em violência (TELLES; CAMILO; BARREIRA, 2022). Uma consequência que se pode observar a partir dessa proximidade é que AM&EC acabam, muitas vezes, apreciados sem uma clara distinção quanto ao valor de suas ações, podendo ser entendidos tanto de modo violento — a exemplo de Carmo (2016) —; como, paralelamente, recusando qualquer conotação violenta.

Esta pesquisa possui como objetivo o de identificar e compreender, em meio a relatos de mestre(a)s, como este(a)s percebem modificações de praticantes de AM&EC decorrentes de situações de intimidação e descontrole vivenciadas em práticas de combate. Tal objetivo é um recorte investigativo de projeto maior (FAPESP 2019/11527-6).

Para investigação do objetivo acima, utilizou-se uma abordagem empírico-fenomenológica, tratando-se essa de uma perspectiva qualitativa, descritiva e exploratória advinda da fenomenologia clássica iniciada pelo filósofo Edmund Husserl (1869-1938), em que se propõe uma reflexão sobre um fenômeno, para desse modo, apreender o seu sentido comunitário vivido. Assim, para se fazer a averiguação do sentido apreendido, passa-se tanto pela coisa como

por quem percebe a coisa (ALES BELLO, 2006). Para tal, recorreu-se a produções intersubjetivas de relatos de experiência efetivadas no projeto FAPESP supracitado. No qual, até o momento foram feitas análises preliminares de 16 entrevistas.

Diante do que foi analisado até o momento, pôde-se constatar três Unidades de Sentido que compõem o fenômeno que se pretendeu investigar. São elas Situações Disruptivas; Intervenções do(a) Mestre(a); e Modificações do(a) Praticante.

## **Eu sou porque nós somos: filosofia ubuntu para o ensino das lutas nas aulas de educação física**

**Déric Moraes Tomaz de Almeida**

**Denis Foster Gondim**

**Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco**

O estudo investigou a aplicação da filosofia Ubuntu no ensino de lutas em aulas de Educação Física Escolar. O Ubuntu enfatiza a interconexão e valorização das relações humanas, ligando identidade e bem-estar individual ao coletivo. Os resultados mostraram que isso impacta positivamente a formação dos estudantes, ensinando resolução pacífica de conflitos, trabalho em equipe e cooperação, através do contato com culturas não ocidentais. Integrar o Ubuntu no ensino de lutas não só desenvolve habilidades físicas, mas também valores sociais e emocionais, promovendo relações interpessoais e responsabilidade grupal, contribuindo para cidadãos conscientes e engajados.

**SESSÃO PARALELA 23**  
**03/11/2023 - 16:15 - SALA CECH**  
**MODERAÇÃO: MARCUS CAMPOS**

**Revisão filosófica do conceito de corporeidade em consonância com a atividade física humanista**

**Santiago García Morilla, Universidad de León**

O conceito de corporeidade evoluiu infalivelmente ao longo do tempo até os dias atuais. Esta preocupação tem sido abordada por filósofos, médicos e estudiosos desde a antiguidade e a sua preocupação é dar ao corpo um lugar “justo e adequado”. Cheia de polêmicas e contínuas contradições, a atividade física se apresenta como um caminho indispensável para explorar suas infinitas possibilidades, e a saúde não é apenas o ponto de partida. O objetivo deste trabalho será revelar a imagem do corpo, focando finalmente no período humanista como ponto culminante da expressão através da enorme produção médica literária renascentista.

**Jogo versus Lúdico: para uma (re)definição do “game”, ou de como Suits entende o “play”**

**Paulo Antunes, Universidade do Minho**

*The Game* (1997), um filme protagonizado por Michael Douglas, apresentava à personagem principal a hipótese de entrar num jogo cujas regras eram-lhe desconhecidas, cuja ocorrência poderia ser em qualquer lado e que ele iria perceber quando o momento chegasse. O jogo devia, de certa maneira, desenvolver-se organicamente na

sua vida, claro, com as devidas *nuances* que se impunham, pois, caso contrário, era só o desenrolar desta.

Não queremos estragar o filme a nenhum leitor que ainda o não tenha visto ou entrar em análise cinematográfica, por isso, em traços largos, o que se passou foi o seguinte: em algumas cenas, “Nicholas Van Orton” é surpreendido com situações de vida ou de morte dentro do suposto jogo, no próprio desdobrar deste se afirma já não ser um jogo, mas uma questão de fraude (não apenas porque o alegado jogador havia pagado para jogar como lhe estaria a ser liquidada uma conta com os dados recolhidos). Apesar de todas as peripécias, no final, ficamos a saber que foi *sempre* um jogo, cujo controlo era assegurado por uma empresa especializada e que a personagem nunca correra definitivo risco de vida – sempre que correram balas na sua direção, eram de pólvora seca...

O que é que realmente define um jogo? Quais os indicadores mínimos aceitáveis? E até onde se pode ir com um tipo de evento como este e poder contar como, ou ser visto como, um jogo? É ao menos, ou exclusivamente, uma atividade lúdica? Conta como ambos?

Para responder a este tipo de questões poderá ser útil a revisitação da proposta suitsiana de jogo, apresentada na obra *The Grasshopper: Games, Life and Utopia* (1978). É a esta incursão que nos propomos com a nossa proposta de apresentação.

## **Sobre a Lente Filosófica da Solidão: O Papel do Personal Trainer na Significação da Velhice para Além da Forma Física**

**Fernanda Cardones, CIFI2D, FADEUP-UPorto**

O conceito de Bem-estar (wellness) é frequentemente definido a partir da aferição de níveis de saúde nas suas diversas dimensões. Essas dimensões, que incluem saúde física, social, emocional, inte-

lectual, ocupacional e espiritual, revelam a multidimensionalidade do que significa bem-estar na vida de um ser humano. A paradigmática perspetiva biologista e higienista do desporto e do exercício físico tem, contudo, oferecido mais incidência académica ao estudo dos efeitos físicos da prática desportiva em relação ao bem-estar. A relação entre solidão e bem-estar já tem sido investigada, sendo considerada prejudicial ao bem-estar geral, podendo afetar a saúde mental (e.g. risco de depressão, ansiedade, etc...), a saúde física (e.g., doenças cardiovasculares; sistema imunológico enfraquecido), a qualidade de vida (pois afeta o bem-estar emocional e social), os níveis de atividade física (indivíduos solitários podem ter menos probabilidade de praticar atividades físicas), a função cognitiva e comprometimento da memória, e os padrões normais de sono.

Ora a experiência da solidão é muitas vezes descrita – e até desabafada – pelos alunos idosos de Personal Trainer (PT), em contexto específico de treino e fora dele.

A solidão é um sentimento de desconexão com o meio envolvente. Estar rodeado de pessoas nem sempre significa não estar só, pelo que é possível que a sensação de que está faltando algo (e.g., suporte de natureza afetiva) surja mesmo que rodeado de pessoas. Existem na literatura referidos diferentes tipos de solidão, como a existencial, a experimental, mas escasseia um olhar filosófico sobre o tema, especialmente no que diz respeito ao papel e intervenção de um PT. Um idoso em processo de PT pode tornar-se fisicamente mais autónomo e ativo, contribuindo para seu bem-estar geral, além de relações afetivas positivas construídas neste meio. Contudo, mesmo assim, isto não garante que o idoso não sentirá em algum momento o habitualmente penoso sentimento da solidão, pois a solidão não acontece por um fator isolado, e sim por um complexo de fatores interligados. Neste estudo procuraremos aprofundar o conceito de solidão através da lente filosófica e a sua pertinência para os processos de PT. Empreendemos para isso, através de uma

abordagem exploratória e hermenêutica, na triangulação entre a literatura filosófica sobre a solidão e a análise dos discursos sobre as experiências de solidão de alunos de PT, assim como a sua relação com a ideia de bem-estar. Espera-se deste trabalho a revelação de pistas ou boas práticas que colaborem na abordagem da solidão em processos de PT.

**SESSÃO PARALELA 24**  
**03/11/2023 - 16:15 - SALA DFCI**  
**MODERAÇÃO: ODILON JOSÉ ROBLE**

**O Real, o Simbólico e o Imaginário no discurso de Cristiano Ronaldo: alguns apontamentos psicanalíticos**

**Lucas Contador Dourado da Silva, UNICAMP**

O objetivo deste trabalho consiste em analisar uma entrevista do atleta Cristiano Ronaldo respondendo a seguinte pergunta: "de onde surgiu sua comemoração icônica?". Nossa análise centra-se na resposta do referido atleta publicada por uma matéria da ESPN em 10 de Setembro de 2021. Outro elemento de nossa análise refere-se à imagem da comemoração que, acontecendo após a marcação de um gol, será tomada como um modo de gozar, devido sua força endereçadora de afetos. Valendo-se do referido material midiático, será feita uma interpretação hermenêutica de inspiração psicanalítica sobre a declaração do atleta Cristiano Ronaldo. Neste sentido, utilizamos como dispositivo analítico os três registros essenciais da realidade humana de Lacan (2005; [1974-1975]), sendo eles: o Real, o Simbólico e o Imaginário (RSI). A conjuntura do RSI situa três campos distintos onde se inscrevem as experiências humanas. A partir daí, queremos apreender como estes registros são articulados pelo discurso do Cristiano Ronaldo, produzindo sentidos a sua vivência esportiva. O discurso será o fio condutor de nosso trabalho e o atleta compreendido como um tecelão do esporte. Para nossa análise, dividimos o discurso de Cristiano Ronaldo em três fragmentos, como descritos a seguir: a) "Eu marquei o gol e simplesmente saiu. Foi natural, honestamente. Desde aquilo, eu comecei a fazer isso com mais frequência"; b) "Eu sinto que os torcedores e fãs olham

e pensam 'Cristiano, siiiiuuuuu'. Eu penso: 'Uau! As pessoas se lembram de mim por isso'. Isso é bom, e eu vou continuar fazendo assim"; e, c) "Quando vencíamos, todo mundo falava 'siiii' e então eu comecei a falar. Não sei por quê, foi natural" Os dois primeiros fragmentos estão relacionados a pergunta geradora da matéria, já o último refere-se a uma outra questão, sobre o porquê do uso da palavra "sim" ao realizar a comemoração. Em nossa análise, pudemos concluir que o gol evidencia a dimensão do Real por ser algo de difícil descrição para o atleta, já que não apresenta um motivo claro ou intencionalmente constituído: a comemoração "simplesmente sai. Foi natural, honestamente". Outro elemento importante está em como o jogador sente sua ligação com o público, supondo imaginariamente o que o outro pensa dele, pela expressão "Uau! As pessoas se lembram de mim por isso.". Emitindo um juízo de valor, "Isso é bom", o atleta evoca qual seria sua motivação para a repetição da comemoração em gols subsequentes, o que provavelmente contribuiu para torná-la um ícone do próprio jogador, mas sem que o mesmo tenha tal compreensão. Por fim, quando o atleta comenta sobre o porquê da palavra "sim" durante a comemoração, vemos novamente o Real aparecer: "Não sei por quê, foi natural", por outro lado, mencionando sua relação com seus companheiros de equipe, que diziam "sim" após a conquista de vitórias, podemos aferir que esta fala toma sentido quando pensado como discurso, isto é, efeito do registro Simbólico, algo que precede e sustenta o momento da verbalização.

## **O que faz o psicólogo em práticas de movimento? Um olhar fenomenológico**

**Vitor Panicali Mello Guida PUC, São Paulo**  
**Thabata Castelo Branco Telles, IPMaia**

Definir a profissão do psicólogo tem se mostrado como uma tarefa difícil. Estudos recentes mostram que os próprios profissionais da área têm dificuldade em definir sua profissão, levando a uma incompREENSÃO sobre o que este faz, como e por que sua prática se dá desta forma (RICOU et. al, 2018; GUIDA, 2023). Assim, este estudo se propõe a pensar o que faz o psicólogo em contextos relacionados à prática de movimento – prática esta que se relaciona intimamente com contexto esportivo, mas não se restringe a ele, podendo se estender à dança e música, por exemplo. Nesse sentido, tem-se o método fenomenológico como norteador para o desdobramento da pesquisa.

Pensar fenomenologicamente implica em se relacionar com um fenômeno, deixando com que este apareça a partir do que se mostra, tal qual como se mostra (HEIDEGGER, 2015). O método fenomenológico ensina que para conhecer o mundo e falar sobre ele é necessário suspender (botar entre parênteses) o conhecimento já previamente dado, para assim chegar às coisas mesmas – movimento de “redução fenomenológica” tal como proposto por Husserl (ZAHAVI, 2019).

Guida (2023), no seu trabalho de conclusão de curso da especialização em psicologia fenomenológica e hermenêutica, tomou para si a tarefa de pensar o que faz o psicólogo em geral, concluindo que sua prática é um fenômeno complexo, no qual ele se dispõe, a partir de uma atitude – postura ou presença –, a possibilitar uma mudança enquanto acompanha o desdobrar de tais mudanças no seu próprio acontecimento. Para tal, ele se utiliza de algumas possibili-

dades de intervenção, aqui pensadas como modos de se posicionar e posicionar a relação, ao mesmo tempo que sem esperar resultados específicos. Tal fenômeno é complexo na medida em que conta com o aspecto inerente de transitoriedade/mudança da existência (CASANOVA, 2021) e uma diversa gama de elementos permeando o seu acontecimento. Dessa forma, há de se pensar os elementos específicos que compõem o contexto das práticas de movimento, como o que possibilita e o que impede que um movimento aconteça.

Conclui-se que o psicólogo em práticas de movimento trabalha ajudando indivíduos, a partir de uma atitude, a caminharem numa direção que mais fizer sentido, tendo em vista, não só, mas principalmente, elementos que permitem ou impedem que um movimento aconteça, tais como: sono, alimentação, aspectos emocionais, sociais, cognitivos e dinâmicas de aprendizagem, com um destaque para as dimensões pré-reflexivas e reflexivas do movimento (TELLES, 2022).

## **Reflexão sobre a aplicação da psicologia do esporte na iniciação esportiva infantil de alto rendimento**

**Isadora Rodrigues Oliveira  
Clausianne dos Santos de Moraes  
Ivanna Cristina de Almeida Vieira  
Marcelo Moreira Cezar**

**Universidade Franciscana e Universidade Federal de Santa Maria**

A iniciação esportiva é caracterizada pela aprendizagem e inserção do indivíduo no meio e contexto da prática esportiva a partir de diversos objetivo, podendo ser lazer até ênfase em alto rendimento. Essa entrada demarcada do indivíduo pode ser pela via de um complexo processo, que depende de diversos caracterizadores: como cultura, classe social, gênero, idade etc. Em relação a iniciação

esportiva na infância com objetivo de alto rendimento, é delimitado o constante contato com um ambiente competitivo, comparativo e estressante que dependerá de um consecutivo trabalho em equipe tanto por profissionais capacitados (fisioterapeutas, treinadores, preparadores físicos, psicólogos etc.) tanto pelos familiares das crianças envolvidas. O presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos psicológicos implicados na prática esportiva, principalmente na iniciação esportiva infantil. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura integrativa de artigos científicos dos últimos cinco anos nas plataformas SciELO e PePSIC, com as seguintes palavras chaves: Psicologia do Esporte, Infância e Exercício. Os resultados indicam que em relação a prevalência, deve-se considerar que a infância é um período demarcado pelo desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social ao qual irá moldar questões como hábitos, comportamentos, personalidade etc. daquele indivíduo. A psicologia do esporte entra no ambiente esportivo infantil com função de auxiliar e prevenir complicações trabalhando com marcadores, como, a ludicidade, a família, a escola etc. Com isso a psicologia do esporte apresenta o viés de trabalho dessas questões através de sessões de acompanhamento psicológico propondo um movimento de intersecções em diferentes áreas da vida da criança, também ajudando e melhorando a regulação emocional pré, durante e pós competições. Além de considerar o processo grupal e institucional de/em clubes de treinamentos individuais ou em times, administrando a importância da imaginação e criatividade mesmo durante a prática esportiva dentro de cada modalidade afim de criar e preservar um ambiente seguro e lúdico para o desenvolvimento saudável de cada criança. Em decorrência do artigos analisado mencionados, é notada a importância da psicologia em contextos esportivos, principalmente nos contextos de iniciação esportiva infantil no alto rendimento, ao qual a psicologia tem o importante papel de remediar questões do desenvolvimento infantil, do ambiente competitivo e da prevenção

de lesões físicas e desgastes emocionais, assim, trabalhando em um contexto multiprofissional e em conjunto com a criança e suas vontades, tornando o esporte um hábito saudável e divertido para o mundo infantil.

I CONGRESSO  
FILOSOFIA  
DO DESPORTO

COIMBRA 2023